

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA

**CENTRO NATATÓRIO DA ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA UFRGS:
ESPAÇO DE TRANSFORMAÇÕES**

Marco Antonio Ávila de Carvalho

Porto Alegre
2010

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA

**CENTRO NATATÓRIO DA ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA UFRGS:
ESPAÇO DE TRANSFORMAÇÕES**

Trabalho de conclusão de curso
apresentado como requisito final para
obter o título de Licenciado em Educação
Física pela Universidade Federal do Rio
Grande do Sul – UFRGS.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Janice Z. Mazo

Porto Alegre
2010

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os grandes mestres da ESEF com os quais convivi durante o curso. De modo especial, refiro-me

às professoras Janice Mazo e Vanessa Lyra, pelo apoio a este trabalho, suprimindo suas necessidades e direcionando meus anseios;

ao professor Alberto Bischoff e à professora Silvana Goellner, pelo voto de confiança em mim depositado e por acreditarem no meu trabalho;

ao professor Flávio Castro, pelo exemplo profissional e pessoal dentro e fora de sala de aula.

Agradeço também aos servidores e técnicos administrativos. De forma especial

à Leila, pelo carinho e forte convivência no Centro de Memória do Esporte;

ao Carlos, Adriano e Dona Ivete, pela atenção e convívio no Centro Natatório.

Agradeço aos colegas de turma e, em especial,

à equipe maravilhosa do CEME, pelo companheirismo, carinho e respeito que levarei por toda minha vida;

à equipe dos projetos de natação, pela convivência e troca de experiências.

Agradeço também aos queridos alunos que comigo conviveram e por mim foram orientados, seja na natação, na recreação, seja durante os estágios curriculares. Em especial, à Lúcia Rosito, exemplo de ser humano que contribuiu para este trabalho.

Agradeço à minha família pelo carinho e amor incondicional. Em especial,

à Dona Lígia, pelo exemplo, educação e benevolência e ao Seu Antônio, de quem me orgulho e em quem me espelho muito, e que, onde quer que esteja, está olhando por todos nós.

A todos os citados e a tantos outros, muito obrigado!!!

RESUMO

Este estudo refere-se à história do Centro Natatório da Escola de Educação Física (ESEF) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Além de suas instalações servirem de palco para atividades de ensino e de pesquisa, que norteiam a formação de professores nos cursos de Licenciatura e Bacharelado em Educação Física, muitas ações e programas são oferecidos para a comunidade em geral, por meio dos projetos de extensão. As atividades de extensão universitária, desenvolvidas pelo Centro Natatório, cumprem um importante papel social, consolidando o compromisso com os três pilares da universidade: ensino, pesquisa e extensão. Diante do exposto, este estudo tem como objetivo descrever a trajetória do Centro Natatório da ESEF/UFRGS, identificando as mudanças ocorridas desde a sua criação, na década de 1970, até a década de 1990, período este marcado pela transformação de seus projetos de extensão. Para tanto, a presente pesquisa, inscrita nas dimensões teórico-metodológicas da História Cultural e da Memória, foi realizada por meio de consultas a documentos e entrevistas. Tais documentos e entrevistas foram analisados com base na perspectiva metodológica da História Oral e da Análise Documental. Evidencia-se com este trabalho que o Centro Natatório sofreu diversas mudanças administrativas tanto no que tangencia a utilização de seus espaços como na sua manutenção. Além disso, a transformação de suas ações em projetos de extensão foi um processo gradual e lento que resultou das mudanças de concepção por parte dos professores e da própria universidade. O Centro Natatório representa um importante espaço que muito contribui, gerando recursos financeiros à Escola, mas fundamentalmente, porque possibilita o exercício da prática docente aos estudantes da ESEF e proporciona, à comunidade em geral, a troca de conhecimentos, ensinamentos e afetos. Devido a tudo isso, é considerado um importante “espaço de transformações”.

Palavras-chave: História; Educação Física; Instituição.

SUMÁRIO

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS	5
2. QUADRO TEÓRICO	9
2.1 História Cultural	9
2.2 Memória	11
3. METODOLOGIA	14
3.1 História Oral	15
3.2 Análise Documental	16
4. A CRIAÇÃO DA ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL	18
4.1 O Contexto da Educação Física e da Escola de Educação Física da UFRGS na década de 1970	23
4.2 A Criação do Centro Olímpico na Escola de Educação Física	28
5. O CENTRO NATATÓRIO	34
5.1 O Centro Natatório e as aulas do curso de Licenciatura em Educação Física	38
5.2 O Centro Natatório e os Projetos de Extensão	50
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	61
REFERÊNCIAS	64

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este estudo refere-se à história do Centro Natatório da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (ESEF/UFRGS), do período de sua criação até o período de transformação de seus projetos em projetos de extensão universitária. Este Centro compreende toda a área do prédio onde se encontram as piscinas térmicas da Escola. Construído na década de 1970, contribuiu para ampliar as aulas de natação da graduação da ESEF, anteriormente condicionadas apenas aos meses mais quentes do ano e a um espaço limitado fisicamente e, ao mesmo tempo, programou os projetos de extensão que geram recursos à Escola. Assim, o Centro Natatório é considerado importante espaço dentro da história da ESEF.

Muitos trabalhos já foram realizados contando histórias sobre instituições de ensino superior na área, com objetivos mais diversos, abordando problemáticas políticas e sociais e, sobretudo, imprimindo um caráter memorialista aos seus objetos de estudo. Destacamos algumas pesquisas que narram feitos e dificuldades de instituições formadoras de profissionais de educação física: MAZO (1993); MELO (1996); AZEVEDO e MALINA (1998); FERREIRA NETO (1998).

Em relação à Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, não é diferente. Talvez o pioneiro tenha sido o texto do professor Gutierrez (1971) que descreve com esmero a trajetória da ESEF desde a sua criação, em 1940, até a data do texto em questão. Nele, podemos observar as dificuldades enfrentadas pela Escola, as suas conquistas, os professores, as parcerias e os diretores que a dirigiram.

Passados trinta e quatro anos, quando da comemoração dos sessenta e cinco anos da Escola, foram lançados três artigos pela Revista Movimento (GOELLNER et al., 2005; MAZO, 2005; MOLINA NETO e NUNES, 2005). Tais estudos avançaram em termos de metodologia, pois foram utilizados depoimentos orais de professores, alunos e funcionários que estiveram diretamente envolvidos com a Escola. O primeiro transcorre as décadas entrelaçando os mais variados temas ocorridos. Já os dois últimos, descrevem

a história da Escola até o período de sua federalização, por volta de 1969-1970.

Nesse mesmo ano, foi lançado o Atlas do Esporte do Rio Grande do Sul, no qual a Escola é lembrada e sua história é descrita brevemente em fatos cronológicos (MAZO e PEREIRA, 2005). No trabalho de SCHUCH (2006), ganha destaque a infraestrutura da ESEF ao longo dos seus 65 anos, relatando, de forma mais geral, as mudanças que ocorreram. Todos esses trabalhos vieram a contribuir para o maior entendimento da história da Escola não se objetivando, entretanto, a descrever fatos históricos de um setor ou local específico.

Tão somente no ano de 2000 foi publicado pela Revista Movimento, em edição especial, a história do Laboratório de Pesquisa do Exercício (LAPEX), criado em 1973 (MAZO, 2000). O LAPEX marca o início das atividades de pesquisa na Escola e contribui para o seu reconhecimento acadêmico no âmbito nacional e internacional. Portanto, a realização mais aprofundada deste estudo sobre o Laboratório fundamenta-se no reconhecimento de sua importância para a Escola.

Como se percebe, a história da ESEF já foi alvo de alguns trabalhos que julgaram fatos ou espaços importantes de serem conhecidos e explanados. Todavia, ainda carecemos de maiores estudos acerca dos espaços presentes na Escola, as quais contribuem para o seu reconhecimento e para o desenvolvimento da própria Educação Física como, por exemplo, o Centro Natatório.

O Centro Natatório é um dos setores que mais contribui com o desenvolvimento da Escola de Educação Física da UFRGS. O alcance das dimensões de suas atividades vai além da comunidade acadêmica, pois inúmeras vagas são oferecidas para a comunidade em geral, por meio dos projetos de extensão os quais contemplam diversas atividades que são caracterizadas tanto pela sua qualidade, quanto pelo seu baixo custo em comparação a outras instalações. Desse modo, além do serviço, são também gerados recursos para a Escola. Em suas instalações, são ministradas aulas dos cursos de graduação em Educação Física e nele se constata o espaço

fundamental que impulsiona a elaboração de pesquisas e artigos científicos. O Centro desempenha, portanto, um importante papel social, por meio do qual consolida o compromisso com os três pilares da Universidade: o ensino, a pesquisa e a extensão.

Diante do exposto, justifico a realização do presente trabalho devido, primeiramente, ao intenso envolvimento que tive com o Centro Natatório, quando, na oportunidade de bolsista, usufruí de seus espaços, convivendo com as pessoas que lá estavam: alunos, professores e funcionários. Posteriormente, credito a justificativa à oportunidade que o Centro Natatório proporciona à comunidade, uma vez que estimula experiências e vivências da prática docente aos alunos da graduação. Dessa forma, prepara-os para o mercado de trabalho ao mesmo tempo em que estimula as pessoas da comunidade a tornarem-se mais ativas e a melhorarem sua qualidade de vida, por meio da prática de exercícios físicos e das relações interpessoais. Por fim, a pesquisa justifica-se pela intenção pessoal de homenagear os professores que atuaram e atuam no Centro, transmitindo seus conhecimentos e experiências.

Este estudo tem, portanto, como objetivo, descrever fatos históricos que marcaram a trajetória do Centro Natatório da ESEF/UFRGS, identificando as mudanças ocorridas desde a sua criação, na década de 1970, até a década de 1990, período este marcado pela incorporação do Centro Olímpico à Escola, transformando os projetos do Centro Natatório em projetos de extensão universitária. Para tanto, a presente pesquisa, inscrita nas dimensões teórico-metodológicas da História Cultural e da Memória, foi realizada por meio de consultas a documentos e entrevistas. Tais entrevistas, realizadas com professores, alunos e técnico-administrativos que estiveram diretamente envolvidos com as atividades do Centro, provêm do acervo do Centro de Memória do Esporte (CEME) desta universidade. O tratamento das informações coletadas foi realizado por meio da Análise Documental, estabelecendo categorias de análise.

O presente trabalho está dividido em capítulos para melhor explicar sua forma de apresentação. No Quadro Teórico, é feita uma breve caracterização sobre dois eixos teóricos importantes para a condução do estudo: a História Cultural, trabalhando os conceitos de representações e significados, não almejando uma incansável busca pela realidade absoluta, mas sim, por versões da realidade, e a Memória, vista aqui como condutora das lembranças vividas pelos sujeitos que estiveram relacionados com as atividades do Centro Natatório. Na Metodologia, são apresentadas as formas como o trabalho foi construído, relatando o problema de pesquisa e as questões norteadoras. Como eixo teórico-metodológico, destaca-se a História Oral, focada nos depoimentos registrados no Centro de Memória do Esporte da ESEF/UFRGS. Para tratamento das informações e análise dos depoimentos e textos, recorre-se à Análise Documental (BARDIN, 2000).

Na Revisão Bibliográfica, destaca-se o resgate da trajetória da Educação Física e da ESEF. Durante o trajeto, importa destacar o período do Estado Novo, quando do reconhecimento da Educação Física, e do qual resultou a criação da Escola de Educação Física. A contextualização da Educação Física e da Escola registra-se na década de 1970, período em que o Centro Natatório foi construído. Além disso, destaca-se a criação do Centro Olímpico, órgão responsável pelo desporto universitário da UFRGS, e que administrou o Centro Natatório. Como sequência do trabalho, são também resgatados alguns fatos históricos do próprio Centro para, posteriormente, centrar aspectos mais específicos, apresentados nos subcapítulos sobre a administração do Centro Natatório e sobre o começo da extensão na Escola, destacando os acontecimentos que ocorreram e que culminaram no reconhecimento que hoje a ESEF projeta. Por fim, nas considerações finais, é feito o resgate dos objetivos e dos contextos apresentados, com proposta de perspectivas futuras a partir deste trabalho.

2 QUADRO TEÓRICO

Neste capítulo, destacam-se elementos importantes para a construção do presente estudo, tendo por objetivo evidenciar os alicerces teóricos que sustentarão a opção por uma perspectiva história de análise. A chamada História Cultural, linha teórica que norteia a pesquisa, traz a ideia de que a história é envolvida por significados sociais e culturais compartilhados e construídos pelos homens, não havendo, portanto, uma única verdade. Destaca-se ainda a Memória, também baseada nas representações e significados atribuídos pelos sujeitos que narram suas experiências e vivências. Sob este olhar é que se dará segmento ao estudo.

2.1 História Cultural

A História Cultural vem se constituindo numa nova forma de fazer história. Nela, há o abandono, por parte dos historiadores, principalmente, a partir do início da década de 1970, dos esquemas teóricos generalizantes em prol dos valores de grupos particulares, em locais e períodos específicos (BURKE, 2005). Nesse sentido, Amaral e Faria (2007) sintetizam a ideia de Chartier, segundo a qual o objetivo deste fazer historiográfico seria o de “identificar o modo como, em diferentes lugares e momentos, uma realidade social é construída, pensada, dada a ler” (p. 184).

Esse novo olhar, conforme aponta Pesavento (2005), permite-nos um alargamento do conceito de ‘cultura’, não habituado à ideia de uma cultura unitária, nem tampouco que valorize a oposição entre a cultura popular e a erudita. Em vez disso, surge uma forma de se pensar o tema “como um conjunto de significados que são partilhados e construídos pelos homens para explicar o mundo” (p. 15). Trata-se, portanto, de olhar para a história de uma forma menos conservadora, menos elitista; é descrever a história através do olhar de diversas pessoas que lhe dão significados particulares, que possuem sentimentos e que se relacionam entre si.

Surge, dentro dessa visão sempre renovada de história, o conceito de “representação”. As representações

[...] são matrizes geradoras de condutas e práticas sociais, dotadas de força integradora e coesiva, bem como explicativa do real. Indivíduos e grupos dão sentido ao mundo por meio das representações que constroem sobre a realidade (PESAVENTO, 2005, p. 39).

Tais representações, “embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses do grupo que as forjam” (CHARTIER apud AMARAL & FARIA, 2007, p. 184 -185).

Portanto, em compasso com a ideia de uma construção processual da história trazida pelas propostas da História Cultural, a utilização do conceito de representação não se pretende legitimador de uma única realidade, mas sim, de versões da realidade, ao admitir e valorizar interpretações e discursos diferentes. A escravidão, por exemplo, foi contada sob certa perspectiva e visão, ou seja, aquela dada pelas classes mais favorecidas. Homens brancos, cultos e que, de certa forma, detinham o poder. Aliás, Jenkins (2004) nos relata que quem detém o poder é que torna uma verdade verdadeira. E que a verdade viria a evitar certa desordem, ou seja, seria aceita de acordo com os interesses de quem a conta.

O autor relata com muita propriedade a relação que se estabelece entre o passado, a história e as suas interpretações:

[...] precisamos entender que o passado e a história não estão unidos um ao outro de tal modo que se possa ter uma, e apenas uma leitura de qualquer fenômeno; que o mesmo objeto de investigação é passível de diferentes interpretações por diferentes discursos; e que, até no âmbito de cada um desses discursos, há interpretações que variam e diferem no espaço e no tempo (p. 27).

Versões, significados, interpretações de diferentes pessoas são dimensões que serão consideradas ao longo do estudo ao nos debruçarmos sobre a análise dos documentos, das falas, das expressões, dos fatos. Importa a consciência de que não é a análise dos fatos em si, mas “o peso, a

posição, a combinação e a importância que eles trazem com referência uns aos outros na elaboração de explicações” (JENKINS, 2004, p. 60). Assim, ainda que sob a perspectiva crítica, pretendemo-nos vigilantes para a realização do exercício de narrar a história do Centro Natatório, sem conceitos pré-concebidos: visamos à reconstrução de uma história que representou e representa diferentes níveis de importância para muitos que com ela estiveram envolvidos, direta ou indiretamente.

2.2 Memória

A Memória é “uma reconstrução psíquica e intelectual que acarreta [...] uma representação seletiva do passado, [...] que nunca é aquele do indivíduo somente, mas de um indivíduo inserido num contexto familiar, social, nacional” (ROUSSO, 1996, p. 94). Os indivíduos distinguem, em sua memória, fatos e acontecimentos relevantes para si, que aconteceram em dado local e momento histórico, envolvidos por um grupo social, o que poderia representar, de certa forma, uma memória social coletiva. Todavia, Rousso nos traz que

Se o caráter coletivo de toda uma memória individual nos parece evidente, o mesmo não se pode dizer da idéia de que existe uma ‘memória coletiva’, isto é, uma presença e, portanto, uma representação do passado que seja compartilhada nos mesmos termos por toda uma coletividade (1996, p. 95).

Ou seja, os indivíduos que viveram no mesmo período, no mesmo momento e a mesma situação, não necessariamente terão as mesmas opiniões e visões sobre essa realidade. Imaginemos quantas pessoas passaram pelo Centro Natatório, com determinadas funções e cargos. Mesmo tendo convivido em um mesmo espaço físico e social, elas podem revelar e, provavelmente, apresentar concepções individuais sobre determinada situação, mas que, em alguns casos, pode ser compartilhada com outros que lá conviveram.

Nesse sentido, a Memória é vista como “um trabalho sobre o tempo, mas sobre o tempo vivido, conotado pela cultura e pelo indivíduo” (BOSI, 2003, p. 53). Indivíduo que possui lembranças, e que, não raras vezes, expõe aquelas que lhe marcaram positivamente em detrimento das lembranças mais “negativas”. Deve-se, portanto, levar em consideração que “o conjunto das lembranças é também uma construção social do grupo em que a pessoa vive e onde coexistem elementos da escolha e rejeição em relação ao que será lembrado” (BOSI, 2003, p. 54).

Devido ao fato de ter distância entre o ocorrido e o narrado, o indivíduo pode esquecer ou confundir-se no tempo, mas também pode modificar sua opinião. Ou seja, o que ele pensava no momento de suas ações, na época do ocorrido, pode ter sido mudado atualmente, e isso se reflete em suas lembranças. Isso acarreta, por parte do pesquisador, maior dificuldade em entrecruzar as informações obtidas pela fonte oral com as das fontes impressas.

Nesse caminho, é importante considerar que o Centro Natatório, espaço que contempla inúmeras atividades e atinge a um amplo número de pessoas, possui diversos significados para quem o frequenta ou o frequentou. O Centro poderá representar apenas um ambiente de trabalho para professores, alunos e técnicos administrativos; talvez um espaço de lazer e atividade física para a comunidade, ou ainda, um local de troca de informações e relacionamentos. Enfim, diversas representações acerca de sua importância e significado podem ser estabelecidas entre os sujeitos.

Assim, conforme afirmado anteriormente, a História Cultural vem ao encontro dessa noção de pluralidade de representações, ao lançar sobre elas um olhar mais sensível e analítico, tornando a pesquisa mais rica e dinâmica. As memórias de tais indivíduos, por sua vez,

[...] revelam, ao mesmo tempo, lembranças coletivas e também interpretações particularizadas. Não podem, portanto, ser tomadas como a ‘verdade’ sobre o que narra: representam a percepção de quem narra ou ainda os

significados que atribui ao que é narrado (GOELLNER et al., 2005, p. 203).

Todavia, como nos alerta Pesavento (2005), este processo de análise torna-se complexo, pois o pesquisador “vai tentar a leitura dos códigos de um outro tempo, que podem se mostrar, por vezes, incompreensíveis para ele, dado os filtros que o passado interpõe” (p. 42). Fazer a relação entre os documentos impressos, as fontes iconográficas e orais é uma tarefa árdua que exige tempo e sensibilidade para que suposições incorretas não sejam realizadas.

Portanto, o trabalho de “detetive”, comparação trazida por Ginzburg apud Pesavento (2005, p. 63), seria o grande desafio da História Cultural. Decifrar e unir enigmas, tentar aproximar-se, tanto quanto possível do real ocorrido, quando novas visões sobre o Centro Natatório poderão ser percebidas, enriquecendo esta pesquisa, não no sentido de tê-la como a verdade absoluta, mas sim, como uma parte dos diversos olhares e sentidos que o Centro possui para a comunidade acadêmica.

3 METODOLOGIA

Após a definição do eixo teórico norteador da pesquisa, destaca-se, agora, a forma como será construída. Trata-se de uma pesquisa histórica de caráter descritivo que visa à reconstrução de fatos históricos ocorridos no Centro Natatório da ESEF/UFRGS, entre as décadas de 1970 e 1990. Nesse sentido, foi formulada a pergunta central para direcionar a pesquisa: *quais as mudanças administrativas que ocorreram no Centro Natatório da ESEF/UFRGS desde sua criação, na década de 1970, até a década de 1990?*

Entendem-se, por “mudanças administrativas”, as modificações na direção do Centro, na sua gestão interna, englobando mudanças na utilização de sua estrutura física. Pode-se, ainda, desmembrar essa problemática em mais algumas perguntas para melhor aprofundar o tema: *Qual o contexto político-administrativo na época de construção do Centro Natatório? - as possíveis influências políticas e formas de administração na ESEF e no Centro Olímpico na época de construção do Centro Natatório. Como foi o processo de incorporação do Centro Olímpico à ESEF? - modo como se processou o ato pelo qual o Centro Olímpico foi passado à direção da Escola, acarretando mudanças na sua gestão e, por conseguinte, na gestão do Centro Natatório. Como foi o processo de transformação dos projetos do Centro em projetos de extensão direcionados à comunidade em geral?*

As informações foram coletadas por meio de consultas em documentos (jornais, revistas, artigos, livros, ofícios, etc.) encontrados na biblioteca Edgar Sperb, bem como no Centro de Memória do Esporte (CEME), localizados na Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Utilizou-se, também, a consulta a entrevistas localizadas no acervo do CEME. Tais entrevistas fazem parte do Projeto Garimpando Memórias, cujo acervo conta com mais de cem entrevistas. Após a leitura de cada uma delas, foram selecionadas as que mais se aproximavam do objeto de estudo e do contexto descrito ao longo do texto. Os sujeitos entrevistados (professores, alunos, técnico-administrativos) também foram selecionados por meio da análise de seu envolvimento com o objeto de estudo, ou seja, o Centro Natatório durante

o período do recorte temporal. Procurou-se articular as fontes orais e as fontes impressas, cruzando informações e contextualizando os depoentes na trajetória do Centro Natatório. Para enriquecimento do trabalho e utilização de mais uma fonte de consulta, tais entrevistas foram consultadas com embasamento no eixo teórico-metodológico da História Oral, e as informações coletadas foram submetidas à Análise Documental, segundo Bardin (2000).

3.1 História Oral

O acesso às fontes orais tem sido utilizado por diversas áreas do conhecimento humano. A flexibilidade e a riqueza de interpretações possibilitadas pela História Oral como metodologia de pesquisa histórica têm-se constituído numa poderosa lente de percepção e compreensão das visões de mundo dos sujeitos (PAULA, 1998). Além disso, o método da História Oral produz fontes de consulta para outros estudos, podendo ser reunidos em um acervo aberto a pesquisadores. Trata-se, portanto, de estudar acontecimentos históricos, instituições, grupos sociais, etc, por meio de depoimentos de pessoas que deles participaram ou testemunharam (ALBERTI, 1989).

Melo (1994) relata algumas linhas que parecem ser apresentadas nos trabalhos ligados à História Oral. Delas, destacamos a seguinte: “[...] se enquadrariam àqueles que se utilizam dos depoimentos orais para contemplar as lacunas deixadas pela documentação tradicional [...]” (p. 277). Porém, Alberti (1989) acredita que o documento de História Oral não teria como objetivo central o preenchimento de lacunas, mas sim, “a recuperação do vivido conforme concebido por quem viveu” (p. 5). Neste sentido, a utilização de depoimentos de pessoas que fizeram parte do Centro Natatório viria como tentativa de suprir a falta de informação a seu respeito, sob o olhar do próprio depoente. Assim, a observação e a análise do envolvimento do entrevistado com o Centro tornam-se necessárias. Mais uma vez, os conceitos de significados e representações emergem à tona.

Diante do exposto, surgem interferências: *Como descrever fatos históricos sobre o Centro Natatório e não ter conhecimento dos diferentes significados que esse espaço possui para quem dele fez parte? Como entender as relações entre diferentes sujeitos do mesmo espaço físico em processo de modificações na estrutura organizacional?* As documentações ditas oficiais possuem imenso valor, mas também não se pode esquecer de que foram escritas por determinada pessoa, em dado momento histórico. Contudo, o conteúdo dos depoimentos deverá ser analisado de forma global, comparativa e crítica para que se evite, como já dito anteriormente, que uma única verdade, tomada pelas emoções e concepções de quem a viveu, seja formada como a única referência.

Esse processo enriquece e dá mais vida à pesquisa, não somente no sentido de conhecer uma história, mas também de conhecer o significado daquela história para determinada pessoa. Ler depoimentos faz transcender a imaginação, reconstituindo os locais e fatos narrados pelo depoente e, em alguns momentos, partilhando dos anseios e emoções desse narrador. Portanto, mais do que uma metodologia, a História Oral revela uma história de vida e que, na nossa visão, torna-se essencial pelo fato de ouvir e conhecer os significados atribuídos pelo depoente o que, de certa forma, é considerado como uma forma de homenagem e de reconhecimento da importância daquele sujeito para aquela comunidade particular.

3.2 Análise Documental

A Análise Documental pode ser definida como “uma operação ou um conjunto de operações visando representar o conteúdo de um documento sob uma forma diferente da original” (CHAUMIER apud BARDIN, 2000, p. 45). Assim, a sua consulta e comparação com outros documentos tornam-se facilitadas. Segundo Bardin (2000), a Análise Documental teria como objetivo

o armazenamento sob uma forma variável e a facilitação do acesso ao observador, de tal forma que este obtenha o

máximo de informação (aspecto quantitativo), com o máximo de pertinência (aspecto qualitativo) [...] é, portanto, uma fase preliminar da constituição de um serviço de documentação ou de um banco de dados (p. 45-46).

No presente trabalho, os documentos impressos foram lidos e separados de acordo com sua aproximação e relação com o Centro Natatório e com o Centro Olímpico. Posteriormente, foram unidos de acordo com suas datas (de publicação ou mencionadas no próprio texto). Para os documentos orais, a separação deu-se pela observação da relação que o depoente teve com o Centro Natatório e com o Centro Olímpico e pela menção a estes locais na entrevista, durante o recorte temporal pretendido. Estas duas fontes de consultas (impressas e orais) foram cruzadas de acordo com o período relatado.

Para além, é indispensável, para entender o significado dos documentos, proceder à apresentação do contexto cultural e social do período delimitado no estudo. Sabe-se que para entendermos o significado de um texto precisamos reconstruir o seu contexto, pois suas mensagens são comunicações simbólicas.

BOSI (2003) nos traz, em relação aos depoimentos,

Quanto mais o pesquisador entra em contato com o contexto histórico preciso onde viveram seus depoentes, cotejando e cruzando informações e lembranças de várias pessoas, mais vai-se configurando a seus olhos a imagem do campo de significações já pré-formada nos depoimentos (p. 56).

Isso vai ao encontro da análise de Bardin, pois, nossa grande gama de informações deriva das entrevistas consultadas no CEME e, portanto, o envolvimento no contexto e o conhecimento de diversas visões sobre o Centro Natatório fazem-se necessários para que a própria interpretação das entrevistas seja realizada de forma mais analítica e crítica.

4 A CRIAÇÃO DA ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

No presente capítulo, serão abordados alguns tópicos com o objetivo de montar a base teórica sobre os contextos político-administrativos e sociais da época, obtendo, assim, subsídios para a elaboração do estudo. O período do Estado Novo, surgido com o intuito de combater um modelo econômico nacional agrário-exportador que se restringia ao capital estrangeiro é de fundamental importância. Ele dá grande destaque à Educação Física, uma vez que a vê como o meio ideal para formar cidadãos brasileiros que pudessem fortalecer o desenvolvimento nacional. Criam-se, neste período, os cursos superiores de Educação Física, dentre eles, o da Escola Superior de Educação Física do Estado do Rio Grande do Sul. A Escola Superior de Educação Física, posteriormente incorporada a UFRGS, assim como as outras Escolas criadas, possuía fortes influências militaristas, educando não só a mente, mas também o corpo do cidadão brasileiro. A Educação Física também ganharia importância no cenário superior de ensino, uma vez que, tornando-se obrigatória, surgiu a necessidade de criação de um órgão responsável por ela no ensino superior. Surgiu, então, o Centro Olímpico da UFRGS. Órgão fundamental para o desenvolvimento esportivo da Instituição, sendo responsável pela administração do Centro Natatório - objeto de estudo desta pesquisa. Foi construído na década de 1970, período marcado pelo militarismo, e que focava-se na esportivização.

Paralelamente à crise do desenvolvimento, acentuada nos últimos anos da década de 1920 por um modelo econômico nacional do tipo agrário-exportador, surgiu um conjunto de revoluções e movimentos armados, os quais deram origem ao chamado Estado Novo (DAMASCENO e BIAZUSSI, 1990). Durante o Estado Novo (1937-1945), foi desencadeada a campanha de nacionalização, caracterizada pelo intercruzamento de ações políticas, culturais e educacionais.

O projeto nacionalista buscava a homogeneização cultural, sendo contrário a qualquer manifestação pluralista e diversificada (MAZO, 2005).

Tudo se passa a partir do fato de que o Estado Liberal, já europeizado, desprezava o valor da tradição brasileira, reforçando estereótipos sobre a incapacidade e o atraso do povo, destacando a superioridade das elites (DAMASCENO e BIAZUSSI, 1990). Portanto, acentuava-se a preocupação com a formação da identidade cultural brasileira, pois, como referiu Ortiz apud Mazo (2005), o Brasil não tinha uma identidade e, portanto, não tinha uma nação. Não havia a imagem de povo brasileiro, mas sim, de um Estado composto de governo e território.

Frente a essa situação, o Estado brasileiro assumiu características intervencionistas, enquanto promotor de políticas culturais e educacionais destinadas a construir a nação brasileira. Assumiu o papel de direção e de organização da sociedade, autoelegendo-se o instrumento mais eficiente não só para reformular as bases da economia e da política, mas também para um indispensável refazer das mentalidades (DAMASCENO e BIAZUSSI, 1990). A educação tornar-se-ia uma questão fundamental para a qualificação do trabalhador e homogeneização cultural do país.

Criou-se, então, o Plano Nacional de Educação, elaborado pelo Ministro Gustavo Capanema, que visava organizar a estrutura escolar do país e, por meio da educação, extinguir as diferenças culturais entre as regiões brasileiras. Um dos aspectos centrais desse plano era a formação cívica (FIORI apud MAZO, 2005). A formação cívica buscava difundir a ideia de uma identidade cultural brasileira, que seria veiculada por várias disciplinas, entre elas a Educação Física. As atividades de Educação Física passaram a ser valorizadas na escola, visando inculcar parâmetros identitários mínimos para a formação de uma identidade cultural brasileira, além de atuar para o fortalecimento da mão-de-obra, colaborando para a consolidação do Estado Brasileiro. (BERCITO; BETTI apud MAZO, 2005).

Com isso, as aulas de Educação Física integraram-se às disciplinas do ensino primário, ginásial e normal. Foi criada a Divisão de Educação Física (DEF), através da Lei nº. 378 de 13/3/1937. O DEF foi uma iniciativa governamental, visando à organização e ao controle da educação física no país. Faria Jr. apud Mazo (2005), referiu que a implantação do DEF foi uma

“ação estratégica vinculada ao processo de evolução, [...] viam na Educação Física um auxiliar poderoso para o fortalecimento do estado e um poderoso meio para o aperfeiçoamento da raça, um dos pontos de seu ideário” (p. 16).

A Educação Física, ganhando destaque no contexto educacional das escolas e tendo entre os objetivos a seleção de elites que conduzissem e distribuíssem melhor os homens e as mulheres nas atividades sociais e profissionais, necessitava da contratação de professores. Entretanto, havia escassez de profissionais capacitados para atuarem em seu ensino. Em resposta a essa situação,

o Governo Federal, no ano [...] de 1939, pelo Decreto nº. 1.212, passou a exigir formação profissional específica para o exercício das profissões de Professor de Educação Física, Técnico Desportivo, Médico Especializado em Educação Física e Desportos. O então Secretário de Educação do Estado do Rio Grande do Sul, Dr. José Pedro Coelho de Souza, atendendo à determinação do Interventor Federal no Rio Grande do Sul, General Oswaldo Cordeiro de Farias, apresenta-lhes, em fins de 1939, a proposta de criação do Departamento Estadual de Educação Física em Porto Alegre, dele fazendo parte integrante a Escola Superior de Educação Física. Para Diretor do Departamento e da Escola é nomeado, com licença do Ministro da Guerra, o capitão Olavo Amaro da Silveira. O capitão Olavo começa imediatamente a formar um entusiasta grupo de trabalho [...] Trabalhando com ardor inexcedível, o grupo vence rapidamente as dificuldades iniciais e, já nos primeiros meses de 1940, a Escola apresenta condições para começar suas atividades. E, assim, embora sem a verificação prévia do Ministério da Educação, o interventor Federal determina o início das aulas, o que é feito em sessão solene no dia 06 de maio de 1940 (GUTIERREZ, 1971).

A Escola Superior de Educação Física foi fundada, mas o Estado não possuía instalações apropriadas para seu funcionamento. Para viabilizar o início de suas atividades acadêmicas, o Departamento de Educação Física do Estado do Rio Grande do Sul (DEEF) instalou a secretaria administrativa em uma sala alugada, localizada na Avenida João Pessoa, nº. 1003. Para a realização das aulas práticas, orientadas para os diferentes esportes, o DEEF estabeleceu parcerias com algumas entidades como o *Yatch Club*, Grêmio Náutico Gaúcho, Colégio Bom Conselho, Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense,

Estádio General Ramiro Souto, entre outros, e as aulas teóricas eram realizadas no Instituto de Química Industrial. Em 1942, a Escola transferiu-se para o Estádio do E. C. Cruzeiro utilizando a estrutura física ali existente, bem como construindo outras e, em 1956, mudou-se para a Associação Cristã de Moços (ACM) (GUTIERREZ, 1971).

Todavia, persistia o problema da descentralização. A Escola possuía como sede o ACM, mas ainda usufruía de outras instalações para as práticas como o Petrópole Tênis Clube, o Grêmio Náutico União, a SOGIPA, o Parque Farroupilha, entre outros. Segundo o professor Cassel (2005), esses deslocamentos causavam inúmeros transtornos aos estudantes que, muitas vezes, se atrasavam para suas aulas e eram impedidos, pelos professores, de assistir a elas. Em 1963, o Governo do Estado, representado pelo então governador Ildo Meneghetti, doou um terreno situado no Bairro Jardim Botânico onde a ESEF construiria sua sede própria. Essa sede já era um sonho antigo e graças ao empenho dos diretores Frederico Guilherme Gaelzer, Arno Tschiedel e Ruy Gaspar Martins foi concretizado (GUTIERREZ, 1971). Então, a Escola possuía um terreno, mas um terreno com banhados e depósito de lixo. E, apesar de contar com uma grande área física, não possuía espaços adequados para as práticas esportivas e nem salas de aula suficientes para as atividades teóricas.

Diante da realidade, as aulas ainda eram realizadas no ACM. Porém, os membros do Diretório Acadêmico daquela época realizaram um movimento entre os discentes e acabaram resolvendo, em assembleia geral, que as aulas do 2º semestre de 1963 deveriam ser realizadas no Jardim Botânico. Ocorreram inúmeras manifestações em frente à sede do ACM para que a ESEF funcionasse plenamente no terreno cedido (CASSEL, 2005). Gradativamente, a Escola foi sendo construída, inclusive com o auxílio dos estudantes: “os alunos tiveram que cortar a grama [...] com foice no caso, porque a grama estava muito alta. Marcamos as quadras, porque o chão do ginásio não tinha marca nenhuma” (CASSEL, 2005, p. 5). Por meio dessas mobilizações e pressões, a direção da ESEF efetivou-se no Jardim Botânico.

As novas instalações construídas eram precárias e mantiveram-se assim durante a gestão dos três diretores interinos: o médico Arno Tschiedel, Coronel Jacintho Francisco Targa e o médico Ney Serres Rodrigues. Os diretores assumiram suas funções em 1964, ano em que os militares impuseram um novo regime político ao país. No ano seguinte, foi indicado um novo diretor: o médico Hélio Barcelos Ferreira (1965 a 1970) (GUTIERREZ, 1971).

A partir de 1964, o sistema de ensino brasileiro passou por uma série de transformações. O objetivo estabelecido para as escolas foi formar mão de obra para suprir o processo de industrialização em andamento. Para isso, o governo utilizou uma série de decretos, inspirados em políticas educacionais que tiveram a interferência do capital estrangeiro. Dentre as modificações realizadas, estava a Reforma Universitária de julho de 1968, pelo Decreto nº. 62.937, que visava à eficiência, à modernização, à flexibilidade administrativa e à formação de recursos humanos de alto nível para o desenvolvimento da nação (MOLINA NETO e NUNES, 2005). Com a Lei das Diretrizes e Bases de 1961 já havia sido ratificada a obrigatoriedade da Educação Física nos níveis de ensino Primário e Médio. Entretanto, após a Reforma Universitária de 1968, por meio do Decreto-lei nº. 705, de 25 de Julho de 1969, a disciplina Educação Física passou a ser obrigatória também no ensino superior, que entre outras coisas, visava “colaborar, através de seu caráter lúdico-esportivo, com o esvaziamento de qualquer tentativa de rearticulação política do movimento estudantil” (CASTELLANI FILHO apud MOLINA NETO e NUNES, 2005, p. 172).

Nesse sentido, os jogos acadêmicos, universitários e outros do gênero foram instrumentalizados com o objetivo de redirecionar o tempo e a energia dos estudantes que se destinavam às manifestações contra o Governo para a prática desportiva. Interessava ao governo o incentivo à prática de esportes, ligados à prática de Educação Física Escolar, cujo objetivo era a formação integral do homem. Esse interesse implicou a necessidade de ampliar o número de professores de educação física, criar novos institutos de formação inicial e a “Federalização” das Escolas de Educação Física existentes. Daí,

uma das características que justificavam essa disciplina no sistema educacional: sua ênfase mais legalista do que pedagógica (MOLINA NETO e NUNES, 2005).

Segundo Molina Neto e Nunes (2005), o Governo do Estado tinha grande interesse em que a Escola passasse para o Governo Federal, pois ela pesava muito em seu orçamento. O Estado tinha dificuldades de fornecer à ESEF as condições materiais objetivas necessárias para seu funcionamento. A Escola era um “peso” para o governo estadual. Para tanto, a Escola deveria passar por reformulações em sua estrutura, a fim de se adaptar às inovações da Reforma Universitária. Foi então que surgiu o chamado “Processo de Federalização” pelo Decreto 997, de 21 de outubro de 1969. E, em 16 de setembro de 1970, foram assinados os atos finais da passagem da ESEF do âmbito estadual para o federal (GUTIERREZ, 1971).

Com a incorporação da Escola de Educação Física (ESEF)¹ à Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), as estruturas começaram a melhorar e novas edificações foram sendo construídas.

4.1 O contexto da Educação Física e da Escola de Educação Física da UFRGS na década de 1970

O início da década de 1970 foi marcado, como vimos anteriormente, pela passagem da ESEF, do âmbito Estadual para Federal, o que contribuiu para sua expansão em termos estruturais e administrativos. A partir de então, a Escola entraria num novo sistema de ensino, influenciado diretamente pelas políticas educacionais federais e pela ascensão do fenômeno esportivo, o que será comentado a seguir.

Por meio da Reforma Universitária de 1968, baseado no modelo universitário americano, o governo buscava o aumento da eficiência e da

¹ Após a Federalização, a sigla “ESEF” significa Escola de Educação Física, uma vez que o termo “Superior” era utilizado quando a Escola ainda era do Estado. Porém, esta nova denominação, veio oficialmente somente em 1996 com a aprovação do novo Regimento Geral da UFRGS (MAZO e PEREIRA, 2005).

produtividade das universidades. Freitag apud Betti (1991), acredita que essa reforma tinha entre seus objetivos “atender a demanda de um mercado de trabalho sofisticado, como decorrência do modelo econômico adotado pós-64” (p. 101). A Educação Física também seria atingida neste sentido. No âmbito escolar, ela recebeu uma nova regulamentação (Decreto 69.450/71), sendo entendida como a “atividade que, por seus meios, processos e técnicas, desenvolve e aprimora forças físicas, morais, cívicas, psíquicas e sociais do educando” (BRASIL apud BETTI, 1991, p. 104). Portanto, a escola seria o principal campo de atuação da Educação Física, tendo como objetivos do governo militar, “atingir a infância e a juventude brasileira com ares da saúde e da qualidade de vida” (LYRA, 2009, p. 79).

O diagnóstico de Educação Física/Desportos, editado em 1971, firmado por convênio entre o Ministério da Educação e Cultura e o Ministério do Planejamento e Coordenação Geral, tendo como principal condutor o professor Lamartine Pereira da Costa, “partiu da idéia da pirâmide como modelo estratégico para o desenvolvimento do setor da educação física e desportos” (TUBINO, 1996, p. 50). Na sua base, estaria o desporto de massa, passando pela Educação Física/Desporto Escolar e chegando ao cume, onde estaria a elite esportiva.

Surgiu, nesse cenário, a aptidão física como a referência fundamental de orientação da Educação Física. Foi incluída no regime escolar a iniciação esportiva, na qual o esporte seria visto como um meio educativo que contribuiria para formação integral do sujeito, para a formação de um “corpo social saudável, onde, a um só tempo, todos e cada um eram igualmente peças-chave no alcance do desenvolvimento nacional” (LYRA, 2009, p. 84). Cabe lembrar ainda, a grande influência obtida após a conquista do tricampeonato mundial de futebol pela Seleção Brasileira, contribuindo para maior ênfase ao esporte de alto rendimento. Como consequência, voltam-se os olhares para a Educação Física, a qual deveria obter um caráter científico, não só por cruzar a área da saúde, mas também por maior desenvolvimento do esporte nacional. O governo investiu massivamente na criação de

Laboratórios de Pesquisa do Exercício que contribuíssem para o melhor desempenho esportivo dos atletas brasileiros (MAZO, 2000).

Não obstante, em fins da década de 1960, com o chamado fenômeno “Cooper” e, na década de 1970, com a fundação do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, houve a busca por uma construção teórica e científica da Educação Física, fomentando, assim, as pesquisas na área (VALENTE, 1994). O autor cita também a Campanha Esporte Para Todos, medida do governo que visava atingir à comunidade, fortificando o desporto de massa: “Surgiu como uma solução alternativa para a fragilidade do desporto nacional, como sendo uma conseqüência da insuficiência da prática de um lazer comunitário” (COSTA apud VALENTE, 1994, p. 63). Lyra (2009) destaca ainda, em seu estudo, que, para a obtenção de um caráter mais científico da Educação Física, houve, na década de 1970, a criação de 77 cursos superiores nesta área, dos quais, dezoito em universidades federais. Essa realidade marcada pela esportivização, pelo alto rendimento e pela obrigatoriedade da Educação Física em todas as instâncias de ensino, refletiu nas Escolas de Educação Física, dentre elas, a ESEF da UFRGS.

Desde sua criação, em 1940, até início da década de 1970, a ESEF foi dirigida, na sua maioria, por militares e médicos. Seu próprio corpo docente era majoritariamente composto por essa população. Com o avançar do curso, novos profissionais foram formados, tornando-se professores da Escola posteriormente. Não eram militares, mas possuíam fortes influências, uma vez que sua educação fora realizada nesse contexto. Na relação nominal presente no Diário Oficial pós-federalização da ESEF, consta o nome de quarenta e oito professores. Destes, menos da metade eram médicos ou militares. Outro destaque é o aumento da presença das mulheres no corpo docente (BRASIL, 1970). Com a Federalização da Escola e com a obrigatoriedade da Educação Física no ensino superior, o esporte foi alvo direto de intervenção, pois todos os alunos da Universidade deveriam fazer sua prática esportiva na Escola.

Por meio de depoimentos de alunos da ESEF daquele período, alguns pontos merecem ser destacados. Pode-se notar claramente que boa parte dos

alunos ingressantes no curso de Educação Física já possuía alguma experiência esportiva, fosse em âmbito escolar, fosse em clubes:

[...] nós tínhamos muita gente que tinha se envolvido com o esporte na formação, não era a maioria, mas isso era um peso muito grande. Na minha turma, tinha atletas de futebol, tinha de futsal - de futebol de salão da época - tinha os do atletismo, tinha os do basquete, todos tinham tido uma experiência desportiva (MORAES, 2004, p. 5).

A própria Escola possuía um sistema com testes práticos, nos quais, para ingressar na ESEF, os alunos deveriam mostrar habilidades físicas, rítmicas, coordenativas e esportivas: “[...] basicamente era corrida, arremesso, natação, teste de ritmo [...]” (PETERSEN, 2004, p. 18). Antes mesmo de entrar no curso, os alunos já eram testados e só permaneceria quem apresentasse um conjunto de habilidades, projetando um perfil mais esportivo ao aluno da Escola. A formação cívica também estava presente: hastear a bandeira, cantar o hino, desfilar, usar uniforme: “Nós tínhamos uniforme e os professores também” (D’AZEVEDO, 2005a, p. 4); “A Escola sempre participava dos desfiles de Semana da Pátria, então, era também uma época interessante em que se faziam ensaios parciais, depois, ensaios gerais, era um movimento super grande” (BRAUNER, 2004, p. 5).

As aulas práticas eram separadas por sexo, havia restrição em cursar algumas disciplinas ditas “masculinas” e “femininas”: “[...] havia um conjunto de disciplinas masculinas e um conjunto de disciplinas femininas” (MOLINA NETO, 2005, p. 9); “[...] as aulas práticas eram separadas [...] O futebol as meninas não tinham. Como nós também não tínhamos danças e outras coisas. Dança, rítmica nós não tínhamos também” (GAYA, 2005, p. 4).

O mercado de trabalho estava bem definido. Formando-se na ESEF, o professor atuaria diretamente na Escola: “[...] a grande maioria queria mais era ir para as escolas. [...] Naquele tempo, a gente ia para a escola, tinha o grosso do trabalho na escola e várias outras possibilidades de bico” (BRAUNER, 2004, p. 3); “[...] os meus colegas que se formaram comigo, eu acho que 95% foram trabalhar com esporte na escola” (PETERSEN, 2004, p. 11). O diretório acadêmico voltava-se mais para a realização de atividades desportivas,

festas, organização de torneios e competições. Alguns, mais políticos, preocupavam-se com a formação e a situação política da época, mas sem muitos radicalismos:

[...] A gente tinha atividades de festa [...] éramos um campus isolado também, nós não tínhamos aquela participação política assim na universidade. O regime da época, o regime da ditadura. Não se podia falar muito, alguns colegas nossos foram presos ou pelo menos foram levados algumas vezes pro DOPS (PETERSEN, 2004, p. 13).

[...] o diretório acadêmico naquela época era muito mais um diretório cultural-esportivo, do que realmente político. Era muito organizado, a gente tinha jogos, competições, e tinha muitas festas, tinha muitas atividades. Claro, muito ligado às questões esportiva e cultural e muito pouco ligada à questão política (GAYA, 2005, p. 5-6).

Em relação à representação do professor da ESEF, alguns eram vistos como autoritários, rígidos, pouco reflexíveis, mas ainda sim, muitos eram considerados bons professores:

[...] eles eram muito pouco reflexivos sobre a prática que faziam. Era uma prática do desporto, era uma repetição do desporto, uma repetição do treinador. Se faz, se executa, mas não se reflete sobre ela, sobre qual é a importância dela [...] objetivo [...] de se melhorar resultados [...] Salvo raríssimas exceções, que faziam um pouquinho de... Que pensavam um pouquinho na escola (MORAES, 2004, p. 3).

[...] Um professor meio militar assim, disciplinado, técnico, mais do que um professor talvez no sentido mais amplo, era esse, técnico. Tinha que ser um exemplo de postura, enfim, um disciplinador [...] Embora a formação técnica fosse boa aqui. Tinha bons professores [...] (GAYA, 2005, p. 3).

Eram pessoas que dominavam muito bem as especificidades das suas disciplinas [...] mas alguns do ponto de vista didático, eram muito ruins, do ponto de vista pedagógico, talvez. É claro, eles estavam dentro de um contexto (MOLINA NETO, 2005, p. 8).

Percebe-se, portanto, que as tendências político-educativas marcadas por este período militar refletiam-se no cotidiano da Escola. Alguns as viam

com bons olhos, outros não. Mas o fato é que, na década de 1970, a ESEF foi se transformando e se constituindo uma Escola de Educação Física possuidora de instalações mais adequadas ao seu bom funcionamento. O campus olímpico começou a se caracterizar, tendo, como um dos grandes motivadores dessas mudanças, o Centro Olímpico, órgão responsável pelo desporto universitário da Universidade.

4.2 A criação do Centro Olímpico na Escola de Educação Física

Com o Decreto-Lei n. 705/69 que tornava obrigatória a prática da Educação Física no Ensino Superior, surgiu o Centro Olímpico, órgão complementar da Pró-Reitoria da Comunidade Universitária (PRUNI) da UFRGS sendo responsável pelo desporto universitário. Cada campus deveria possuir seu Centro Olímpico, para, assim, efetuarem-se as práticas esportivas entre os alunos. Mas, segundo o professor Black (2005), houve pequenas distorções no entendimento deste Órgão e sua sede, inicialmente situada no centro da cidade, foi transferida para a Escola de Educação Física (ESEF).

O médico e professor Henrique Licht, a convite do Reitor Eduardo Faraco, tornou-se diretor do Centro Olímpico. Inicialmente, o Centro foi instalado numa casinha de madeira onde, atualmente, fica a academia. Nos dois primeiros anos como dirigente, o professor montou a primeira equipe. Segundo Licht (2005), um dos primeiros passos a ser dado era a formulação de um plano básico, em reunião com professores e alunos. Ainda com recursos limitados, selecionou um colaborador direto, o professor Jayme Werner dos Reis, conhecido como “peixinho”. Definiram, então, algumas prioridades como a demarcação dos limites territoriais. Havia a divisa, na área norte, com a associação dos surdos e, mais ao sul, com um colégio Estadual (Otávio de Sousa). Foi decidido o cercamento do terreno. O professor ainda relata que ficou dois anos na direção do Centro Olímpico e, posteriormente, a convite do Reitor Eduardo Faraco, continuou na ESEF como assessor esportivo da Reitoria, ficando, exclusivamente, na tentativa de consolidar as

obras que seriam realizadas. Com isso, o professor “peixinho” assumiu lugar na direção do Centro Olímpico. Como o Centro era um órgão ligado à PRUNI, à Reitoria, ele possuía uma direção independente da Escola. Essa situação, segundo Black (2005), causou um tremendo problema, pois, além da direção da Escola, havia outro órgão que, de certa forma, também a administrava. Ocorreram, portanto, alguns conflitos de interesses. De um lado, a ESEF com seu espaço físico e, de outro, o Centro Olímpico com sua verba advinda diretamente da Reitoria.

Neste cenário, a parte esportiva recebeu uma atenção especial, houve a recuperação do ginásio que tinha sérios problemas, a construção da pista de atletismo e outros inúmeros projetos feitos no departamento da Universidade por arquitetos e engenheiros. Dentre eles, o Chefe da Divisão de Obras da UFRGS, o Engenheiro Egydio Hervé Filho, que destaca a preocupação com a falta de local adequado para a prática desportiva universitária:

Um minucioso levantamento realizado na época demonstrou a inexistência de locais adequados para atendimento de mais de 12 mil alunos e nem mesmo a Escola Superior de Educação Física – ESEF, recentemente incorporada à UFRGS, dispunha de condições satisfatórias para a execução de seu plano de formação didático-pedagógica (UNIVERSITÁRIOS terão moderno Centro Olímpico, 1973, p. 6).

A solução foi recorrer ao Departamento de Desportos do Ministério de Educação e Cultura (DD-MEC) que estava aplicando parte da arrecadação da verba recolhida pela Loteria Esportiva em financiamento de obras específicas para o ensino e a prática de Educação Física e esportes. Os contatos com a direção do DD-MEC resultaram no projeto de construção do Centro Olímpico, com pista de atletismo, piscina térmica, piscina olímpica e tanque para saltos ornamentais, ginásios, campo de futebol, quadras de futebol de salão, basquete, voleibol e tênis, vestiários, alojamentos e um clube universitário. Para a arquiteta Suzana Costa Barbosa, que trabalhou no projeto, a localização do Centro Olímpico seria excelente, pois estaria no centro dos diversos departamentos universitários (UNIVERSITÁRIOS terão moderno

Centro Olímpico, 1973). Essas informações também são encontradas nas inúmeras plantas dos projetos explicitados anteriormente. Nelas, são verificados detalhes da pista de atletismo, das quadras poliesportivas, da cancha de remo, das piscinas e até da área externa da ESEF, sendo que suas datas abrangem desde a metade da década de 1960 até fins da década de 1970. Na sua maioria, são registradas pelo Engenheiro Hervé e pela CEPE – Arquitetura, de Ivanio Fontoura.²

Se formos até a ESEF atualmente, poderemos notar que grande parte desse projeto não saiu do papel, pelo menos não do jeito que se imaginava nas plantas. Entretanto, alguns espaços foram construídos e utilizados pela comunidade universitária, tendo em vista a obrigatoriedade da Educação Física no ensino superior. Com isso, alunos de todos os cursos da UFRGS passaram a conhecer a Escola e alguns até se tornaram professores dela posteriormente.

Segundo o professor Fredolino Taube, diretor da ESEF naquele momento, a piscina térmica seria a prioridade na construção, pois, sem ela, “o ensino da natação na UFRGS ficava condicionado a um período de apenas três meses (março, abril e novembro), dependendo das condições climáticas” (UNIVERSITÁRIOS terão moderno Centro Olímpico, 1973, p. 6). Considerando a piscina térmica como parte indispensável do projeto, ele pediu prioridade máxima para a sua execução.

A prática da natação na ESEF/UFRGS era realizada no chamado “tanque” (espaço localizado em frente ao local onde hoje se encontram a sala do Programa de Educação Tutorial – PET e o Diretório Acadêmico). Segundo o professor Gaya (2005), havia um intensivo de natação só em época de primavera para adiante e, a água sendo fria, fazia com que alguns alunos bebessem umas “cachacinhas” antes de nela entrar. A professora D’Azevedo (2005a) relata que as aulas práticas eram realizadas nos meses mais quentes. Já o resto do ano ficava limitado às aulas teóricas. Conforme nos relata o técnico administrativo Garcia (2004), era impossível ter aula no inverno:

² As plantas e projetos estão disponíveis no Acervo do Centro de Memória do Esporte da ESEF/UFRGS.

Eu cheguei a pegar a piscina de tanque, seria aqui, na frente daquela sala dos professores substitutos, a sala 7, ali tinha um tancão, o Peixinho nadava ali, o [palavra inaudível] dava aula ali. Eles davam aula no verão e no início da... Verão parava, começava o outono, começava a esfriar, cessavam as aulas práticas, faziam as aulas teóricas, voltava na primavera, porque era impossível de dar aula no inverno (p. 14).

Com a prioridade estabelecida pelo diretor Fredolino Taube, as obras do prédio destinado às piscinas térmicas tiveram início em 18 de agosto de 1972. A ESEF forneceu assessoramento técnico por meio de seu diretor, professor Fredolino Taube, do professor Jayme Werner dos Reis, diretor do Centro Olímpico, e do professor Henrique Licht. “Com condições climáticas que não favorecem a prática da natação, Porto Alegre ganhará, [...] um centro esportivo em condições de preparar atletas [...] para as [...] competições de natação” (UNIVERSITÁRIOS terão moderno Centro Olímpico, 1973, p. 9). Nesse mesmo período, houve mais um problema em relação à estrutura. Segundo Licht (2005), o médico Eduardo De Rose veio com a ideia de criar o Laboratório de Pesquisa do Exercício (LAPEX):

Inclusive quando nós estávamos iniciando as obras lá veio o problema com o Eduardo De Rose sempre sonhador querendo criar o LAPEX e sem área para ser utilizada. Então nós tivemos que conseguir uma casa que instalamos provisoriamente foi muito criticada essa pra que nós pudéssemos tirar o zelador da Escola que morava lá e liberar as dependências dele para o De Rose instalar inicialmente o LAPEX. Instalações muito precárias, mas graças à habilidade do De Rose foi sempre vitorioso sempre criativo. Tinha muitas amizades ele gradativamente foi instalando o LAPEX e consolidando a nível nacional e internacional. Montou a equipe dele e hoje é esse grande. Essa grande realização da Universidade (p. 11).

O LAPEX surgiu pelo interesse do governo federal em melhorar o desempenho esportivo dos atletas nacionais. A pesquisa seria desenvolvida em laboratórios criados nas universidades pelo chamado “Projeto Brasil”. O coronel Otávio Teixeira, diretor da Divisão de Educação Física e Desportos do Ministério da Educação e Cultura (DED/MEC), apresentou a proposta de

criação dos laboratórios de pesquisa. A partir daí, o médico Eduardo Henrique De Rose elaborou um projeto para solicitar financiamento para a criação de um laboratório no Rio Grande do Sul. Com a aprovação do projeto, criou-se o Laboratório de Pesquisa do Exercício da ESEF/UFRGS, tendo à frente o próprio De Rose. Foi oficialmente implantado como um anexo da Escola, a partir de um convênio firmado entre a UFRGS e o DED/MEC em 01/08/1973 (MAZO, 2000).

O cronograma de construção das piscinas previa a conclusão das obras até dezembro de 1973. Mas sua efetiva utilização parece ainda não ser bem definida. Segundo a placa presente, atualmente, no Centro Natatório, ele foi oficialmente inaugurado em 1980. Recebeu o nome “Centro Natatório Frederico Guilherme Gaelzer”, em homenagem a quem foi um dos diretores da Escola na década de 1950 e importante incentivador da Recreação no Brasil. Em julho de 1979, foi iniciado o projeto de atividades aquáticas com bebês, denominado “Natação Aprendizagem – um programa de Esporte para Todos”. Projeto elaborado e desenvolvido pelas professoras Lizette Dias de Castro Miguens e Helena Alves D’Azevedo, sob a coordenação do professor Jayme Werner dos Reis (D’AZEVEDO, 2005b).

Já a professora Feix (2008) relata que ocorriam aulas na piscina pequena em 1978, mesmo que ainda não fosse aquecida. Com a construção desse prédio, o Centro Olímpico foi transferido para lá. O professor “peixinho” ficou, então, responsável não só pelo Centro Olímpico, mas também pelo Centro Natatório, inclusive ministrando as aulas de natação lá desenvolvidas. A partir desse momento, novas intrigas surgiram. Se antes a Escola já possuía conflitos pela presença de “duas direções”, agora se soma a presença de um amplo prédio dentro da Escola, conforme nos mostra a figura a seguir, cuja administração era feita por um órgão ligado à Reitoria.



Figura 1: Centro Natatório Frederico Guilherme Gaelzer da ESEF/UFRGS na década de 1980.
Fonte: Acervo do Centro de Memória do Esporte da ESEF/UFRGS.

5 O CENTRO NATATÓRIO

Para os professores presentes na época, enquanto o Centro Olímpico possuía ótimas instalações físicas, materiais diversos e de boa qualidade e até uma equipe de funcionários, a Escola passava por muitas dificuldades:

Então o centro olímpico tinha uma dotação orçamentária [...] e a parte financeira do centro olímpico, tinha uma situação financeira muito boa. Então destoava muito o centro olímpico que ficava aqui mais vinculado ao centro natatório, destoava para o resto da Escola. Isso aqui tinha uma situação privilegiadíssima assim em função de recursos financeiros e, a Escola como um todo, tinha uma situação bem delicada. As instalações da Escola eram bem críticas. Me recordo que eu ainda peguei aula aonde [...] as salas eram de madeira (BISCHOFF, 2005, p. 6-7).

“Todos esses funcionários aqui ajudavam ele na piscina. E, nós aqui na ESEF quando entramos, nós só tínhamos um funcionário para fazer toda a limpeza, e ele tinha essa equipe” (BLACK, 2005, p. 15). Além do mais, havia algumas críticas em relação ao modo de gerenciamento do prédio, desde a economia em aquecimento das piscinas:

[...] não esquentava tanto a água. O peixinho mantinha aquele negócio lá numa temperatura mínima necessária para não gastar. Então, essa era a parte que eu diria que, embora as condições e o espaço fossem muito bons, o uso dela era restrito e frio. Então, era uma briga para entrar dentro dela (REPPOLD FILHO, 2004, p. 13).

Até as questões de limpeza e normas de utilização dos espaços: “[...] o Peixinho era extremamente rigoroso e rígido, com tudo, com material [...] ali só entrava aluno de chinelo e coisa, e mais ninguém. Era um rigor, uma limpeza” (BLACK, 2005, p. 15).

Como observado nos depoimentos, o professor “peixinho” era bastante rigoroso com as instalações do Centro Natatório. Mesmo assim, nesse espaço eram realizados cursos, projetos de natação, ginástica e musculação para a comunidade universitária (professores, alunos e servidores), bem como a

realização de campeonatos dirigidos pela Federação Gaúcha de Natação. Também havia um constante incentivo, por parte do professor “peixinho”, ao desporto universitário, foram realizados alguns jogos calouros, campeonatos de vôlei de duplas e jogos acadêmicos realizados pelo DCE.³

Apesar disso, as divergências eram constantes devido ao uso restrito do Centro pela Escola. Com a gestão do professor Mário César Cassel na direção da Escola (1985 a 1988), o professor Arno Black assumiu a direção do Centro Olímpico. A partir daí, segundo Black (2005), todas as salas presentes dentro do Centro Natatório foram utilizadas para departamentos ou para laboratórios. Com isso, a Escola começou a usufruir mais dos espaços do Centro, antes compartilhados apenas para as práticas da natação. Começava então, a ideia de transformar o Centro Olímpico em um Órgão Auxiliar da ESEF. Por consequência, segundo Cassel (2005), no dia 14 de dezembro de 1988, o Reitor assinou uma portaria passando o Centro Olímpico para Escola como órgão auxiliar sem dotação orçamentária. Contudo, segundo o professor Reis (1990c), a passagem oficial do Centro como órgão auxiliar da ESEF veio somente em 1990, por meio do Parecer nº. 00076, baseado no Processo nº. 230010022296/90-09.

Com a integração do Centro Olímpico à ESEF, os projetos realizados no Centro Natatório, antes direcionados prioritariamente à comunidade universitária, deveriam ser ampliados e transformados em Projetos de Extensão:

As atividades serão transformadas em extensão, pois o Centro não contará mais com os recursos advindos do Tesouro e, para a manutenção das instalações, todos os espaços deverão ser aproveitados a fim de arrecadar recursos (REIS, 1990d).

Após o fim da gestão do professor Cassel, em 1988, assumiu a direção da Escola o professor Paulo Gilberto de Oliveira, conhecido como “carioca”, e, novamente, o professor “peixinho” foi nomeado diretor do Centro Olímpico, passando por essa transição ocorrida com o Centro. Tendo em vista o

³ Informações disponíveis no Acervo do Centro de Memória do Esporte da ESEF/UFRGS.

convênio criado com a Universidade de Colônia, na Alemanha, alguns professores foram destinados a ministrar aulas lá, dentre eles, o próprio “peixinho”. A professora D’Azevedo (2005a) relata que, com a ida do professor “peixinho”, ela assumiu a direção do Centro Olímpico, a convite do diretor da ESEF, professor De Rose (substituindo o professor “carioca” que havia se aposentado). Já havia sido criada a Secretaria de Extensão, tendo como coordenador o professor Luiz Fernando Martins Krueel. A partir daí, os projetos foram transformados em extensão e foram distribuídos entre alguns professores. Novos projetos foram criados com o intuito de oferecer mais atividades à comunidade em geral e, assim, gerar recursos à Escola.

O professor Petersen (2004) relata que, durante a gestão do professor Cassel na direção da Escola, criou-se a ideia de reunir a arrecadação proveniente dos Cursos de Especialização em um único fundo, em uma única conta. Essa ideia serviria de modelo para, posteriormente, ser ampliada para os projetos do Centro Natatório, transformados em extensão pela professora Helena, e cuja arrecadação também entraria no denominado “fundão”. Com a criação do “fundão”, a Escola poderia investir de melhor modo em sua infraestrutura, bem como na contratação de funcionários para a manutenção de sua área, pois, tendo em vista que ali não estava presente apenas um curso, mas sim um campus, a verba proveniente do Tesouro era insuficiente:

Esse campus, hoje em dia, é um campus bonito, é um campus bem cuidado, porque não tem só recursos do Tesouro, se fosse só recursos do Tesouro, estaria caindo aos pedaços [...] várias outras unidades estão fazendo, mas no nosso é um exemplo patente, porque nós já estamos aplicando isso desde o início da década de 90, e tem mais de dez anos. O chamado Fundão, que, hoje em dia, é conhecido em toda Universidade (GARCIA, 2004, p. 21).

O Centro Natatório, enquanto espaço da Escola e comportando o maior número de Projetos de Extensão, é uma das bases mais presentes nessa arrecadação. A extensão é vista não só como uma forma de arrecadar fundos para a Escola, mas também como um meio de experiência de vida docente por parte dos alunos da graduação:

A proposta dos projetos, ou de qualquer projeto de extensão na universidade é de fazer sim que o aluno não fique tão somente com a informação teórica e, dentro da universidade, tenha uma vivência, uma experiência de cunho prático também [...] extensão é, sem dúvida alguma, um grande espaço para que o aluno vá para o mercado de trabalho com uma condição de experiência disparada melhor do que o aluno que não teve essa vivência ou que trabalhou não teve um trabalho assim, de ordem mais prática na sua passagem na Universidade (BISCHOFF, 2005, p. 9-10).

Além das atividades da extensão, no Centro Natatório são realizadas algumas disciplinas da graduação, como Natação Fundamentos, ministrada pelo professor Newton Fortuna, Natação Técnicas de Ensino e as aulas práticas da disciplina de Natação Treinamento, ministradas pelo professor Flávio Castro. Também há disciplinas de Tópicos Especiais, que são oferecidas em alguns períodos: Nado Sincronizado e Polo Aquático, ministradas, respectivamente, pela professora Helena D’Azevedo e pelo professor Flávio Castro. Os grupos de pesquisas também usufruem dos espaços do Centro. O GPAT (Grupo de Pesquisa em Atividades Aquáticas e Terrestres), do professor Krueel e o GENC (Grupo de Estudos em Natação Competitiva), do professor Flávio Castro, são exemplos de geradores de pesquisas e assuntos relacionados às áreas de atuação da educação física.

Por meio de cursos, eventos, produção/publicações e prestação de serviços, em todas as suas áreas de atuação, a Universidade leva à sociedade seu potencial acadêmico e, simultaneamente, aprende os valores da cultura dessa sociedade. Considerando que o “potencial acadêmico” da Universidade envolve conhecimentos advindos das atividades [...] do trinômio ensino-pesquisa-extensão (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 2008).

O Centro Natatório, fazendo parte da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, por meio da Escola de Educação Física, é de suma importância, pois, dentro de seus espaços, desenvolve-se o trinômio da Instituição.

5.1 O Centro Natatório e as aulas do curso de Licenciatura em Educação Física

Desde a época de sua criação, a ESEF sofria com problemas de infraestrutura. Por anos, transitou por diversos espaços utilizando e contando com a cooperação de outras instituições. Nem mesmo a vinda para a atual sede no Jardim Botânico acabou com este trâmite, pois ainda continuou a utilizar-se das dependências de clubes, associações, etc. Somente com sua incorporação à Universidade Federal do Rio Grande do Sul, algumas estruturas começaram a ser montadas para darem as mínimas condições de realização das aulas da graduação. Destacam-se, aqui, as aulas de natação que eram realizadas no chamado “tanque”, como mostra a figura a seguir. Esse “tanque” localizava-se em frente ao espaço onde, atualmente, encontram-se o PET (Programa de Educação Tutorial) e o Diretório Acadêmico.



Figura 2: Alunas na aula de natação na piscina (tanque) na década de 1970.
Fonte: Acervo do Centro de Memória do Esporte da ESEF/UFRGS.

Nesse pequeno espaço, eram ministradas as aulas que, segundo os alunos da época, eram concentradas nos meses de temperatura mais elevada, pois, no inverno, seria praticamente impossível ter aulas, ficando este período, portanto, reservado às aulas teóricas. Nos dias mais frios, o jeito era respirar fundo e adentrar naquela água fria, mesmo que para isso, tivessem que utilizar formas de esquentar o corpo, como o caso das “cachacinhas” (GAYA, 2005).

Outro problema que dificultava as aulas neste “tanque” devia-se ao fato de que ele não possuía filtros, o que exigia a troca de água semanalmente. Para além deste empecilho, ainda havia o problema da vizinhança que resolvia cortar a cerca de proteção e utilizava indiscriminadamente a água do “tanque”. Segundo o professor “peixinho”, tal fato causava imenso transtorno: “Nos prejudicavam muito. Tinha dias que tínhamos que suspender a aula, limpar a piscina de novo, deixar encher e botar água limpa novamente” (REIS, 2010b, p. 4). A figura a seguir, mostra uma das aulas do professor “peixinho”.



Figura 3: Professor “peixinho” ministrando aulas de natação na piscina (tanque) da ESEF na década de 1970.

Fonte: Acervo do Centro de Memória do Esporte da ESEF/UFRGS.

Frente à situação, no ano de 1972, começaram as obras de construção do Centro Natatório, um espaço que melhoraria substancialmente as aulas de natação da Escola.

Como se constatou anteriormente, a década de 1970 foi marcada pela esportivização, ou seja, pelo alto incentivo ao esporte como forma de educação e também de rendimento. Isso é reforçado em uma das justificativas de construção do Centro Natatório, cuja criação forneceria melhores “condições de preparar atletas gaúchos para as grandes competições de natação” (UNIVERSITÁRIOS terão moderno Centro Olímpico, 1973, p. 9). Portanto, o Centro Natatório serviria não só para abrigar as aulas da graduação da Escola, mas também para incentivar e potencializar o desporto universitário da natação, uma vez que, com boa estrutura de piscinas aquecidas, a prática da natação poderia ser realizada durante todos os meses do ano.

O cronograma previa o término da obra em fins de 1973, todavia a construção ficou estagnada durante alguns anos devido à escassez de recursos e à alta do preço dos materiais (REIS, 2010a). A construção deste Centro valeu-se de um acordo entre a Escola e o Governo Federal, para o qual, na qualidade de vice-diretor da ESEF e diretor do Centro Olímpico, o professor “peixinho” angariou recursos. Durante a construção do Centro Natatório, as aulas de natação ainda eram realizadas no “tanque” e, tão somente em fins da década de 1970, as aulas passaram a ser ministradas na piscina pequena do Centro Natatório, mesmo que ainda não estivesse aquecida (FEIX, 2005). Ao longo do ano de 1978, a piscina pequena foi aquecida, contribuindo não só para as aulas da graduação, mas também para a realização de cursos de especialização em natação (KRUEL, 2010; STIGGER, 2010). Portanto, com a construção do Centro, as aulas antes realizadas em um “tanque” pequeno e frio, passaram a ser realizadas em uma piscina de aprendizagem aquecida e, posteriormente, somar-se-ia a uma piscina semiolímpica, dando melhores condições para prática e treinamento da natação, como mostra a figura a seguir.

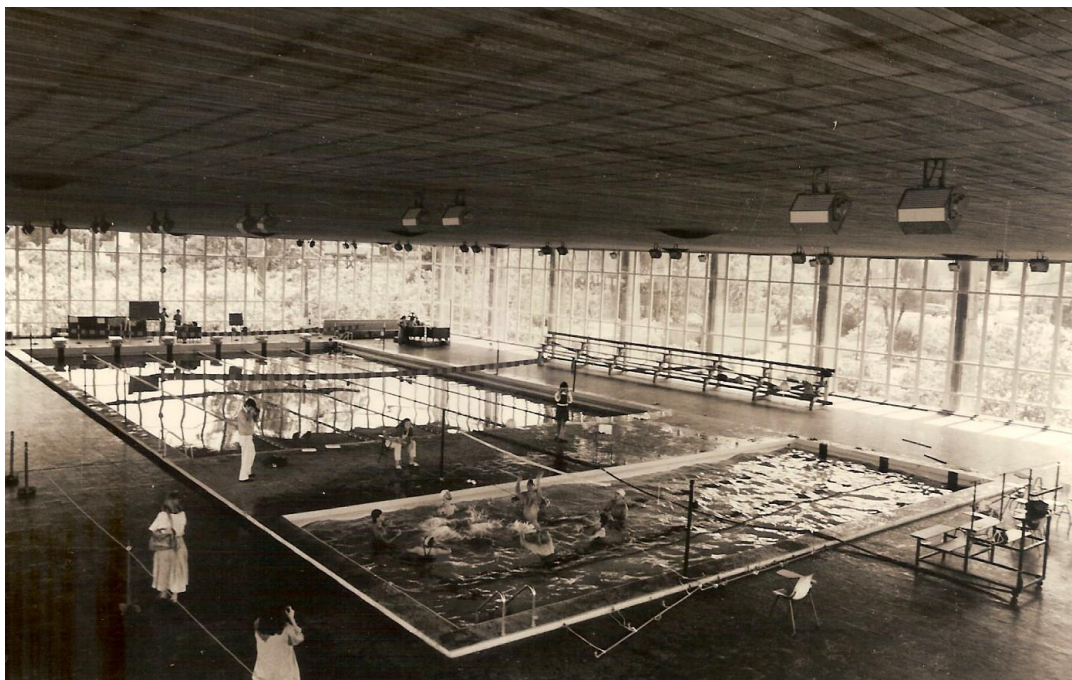


Figura 4: Vista interna do Centro Natatório destacando a piscina pequena de aprendizagem e, ao fundo, a piscina semiolímpica na década de 1980.

Fonte: Acervo do Centro de Memória do Esporte da ESEF/UFRGS.

Com o término das obras do prédio, o Centro Olímpico transferiu-se para lá, ficando responsável, portanto, pelo funcionamento do Centro Natatório. O professor Cassel relata que a ida do Centro Olímpico para o Centro Natatório ocorreu devido ao fato de a presença desse amplo prédio, mais afastado do centro administrativo da Escola, muitas vezes acarretar invasões e depredações do seu patrimônio. Assim, o professor “peixinho” teria sugerido a ida do Centro Olímpico para lá, para então poder cuidar do prédio (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 1997b). A figura a seguir ilustra a localização do Centro Natatório em relação à administração da Escola.

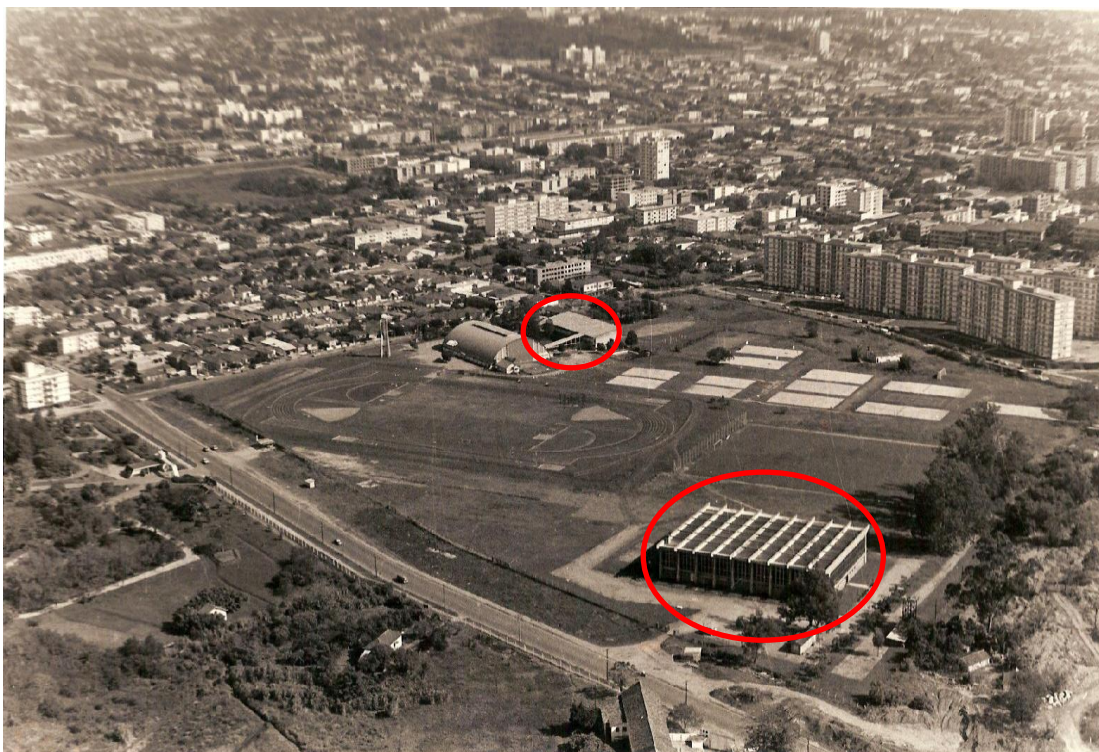


Figura 5: Vista aérea da Escola de Educação Física da UFRGS. Destaque para a localização do Centro Natatório e do prédio administrativo da Escola na década de 1980.

Fonte: Acervo do Centro de Memória do Esporte da ESEF/UFRGS.

O professor “peixinho”, que era diretor do Centro Olímpico e professor da disciplina de natação, assumiu a gerência sobre o prédio, estabelecendo regras para o funcionamento de seus espaços. Segundo Ofício nº. 40/90/CO, encaminhado por ele à direção da ESEF, algumas normas deveriam ser seguidas para o bom funcionamento da piscina:

Usar touca durante as aulas; usar chinela de borracha no recinto restrito das piscinas; tomar duchas antes de cada aula; estar com o exame médico rigorosamente em dia; apresentar carteira de exame médico ao fiscal de piscina antes do início das aulas e recolhê-la no final da mesma; não será permitida a presença de pessoas estranhas às atividades aquáticas; e não será permitido levar bebidas ou qualquer alimento, ao recinto das piscinas (REIS, 1990a).

O descumprimento das normas acarretaria, inclusive, o afastamento, até segunda ordem, das dependências das piscinas, como descrito no Ofício nº. 110/90/CO:

[...] ficarão impedidas até segunda ordem, de usar as piscinas deste Centro [...] as alunas [...] por não acatarem o regulamento da piscina, ou seja, que obriga o usuário a tomar ducha antes da prática da natação [...] O fato ocorreu várias vezes, sendo que as mesmas foram várias vezes advertidas pela monitora de natação e persistiram no desrespeito ao regulamento (REIS, 1990b).

Essa forma de administração mais rígida causava alguns atritos com a Escola. Segundo o professor Alduíno Zílio, diretor da ESEF no período de 1981 a 1984, para a Escola realizar atividades dentro do Centro Natatório deveria pedir permissão para o diretor do Centro Olímpico. Essa relação conflituosa acarretou alguns movimentos por parte da direção da ESEF junto à Pró-Reitoria, à qual reivindicava a passagem do Centro Olímpico para a Escola. Como resposta, o professor ainda relata que foi lhe dito que a piscina era o prédio mais bonito da universidade e era o que dava vitrine a eles (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 1997b). Assim sendo, para a direção da Escola, o Centro Natatório pertencia à ESEF, já para a Pró-Reitoria, ele pertencia à Reitoria. Nessa época, a escolha do diretor do Centro Olímpico era feita pela Reitoria. Surgiram, então, diversas intrigas que transcorreram até a passagem do Centro Olímpico como Órgão Auxiliar da ESEF.

Todavia, paralelamente ao uso mais restrito do prédio, sua limpeza e manutenção eram permanentes, reforçando a resposta explanada pelo Pró-Reitor, anteriormente. Conforme nos relata a professora Helena D’Azevedo, o prédio era “sempre muito bem cuidado [...] Não tinha azulejo quebrado, piso arranhado, material estragado. Nunca tinha material estragado. A piscina não estragava, porque ele fazia manutenção permanente” (D’AZEVEDO, 2010, p. 10). O professor “peixinho” afirma ainda: “Muita gente dizia: ‘O espaço desta piscina é mais limpa do que o de um hospital’. Os corredores brilhavam, os vestiários eram o orgulho do pessoal, os funcionários se esmeravam para mantê-los limpos” (REIS, 2010b, p. 13).

O professor “peixinho” cuidava com bastante esmero das instalações do Centro Natatório, pois também contava com uma boa equipe de funcionários designados para cuidar do prédio, dentre eles, o chamado “fiscal”.

Este “fiscal” seria responsável por fazer valer as normas de utilização da piscina, mostradas anteriormente no ofício encaminhado pelo professor “peixinho” (ROSITO, 2010). Aliás, ele próprio realizou diversos cursos sobre tratamento de piscinas, resultando nestas normas explanadas.⁴ A figura a seguir, mostra as normas que permanecem até os dias atuais fixadas nos vestiários do Centro.

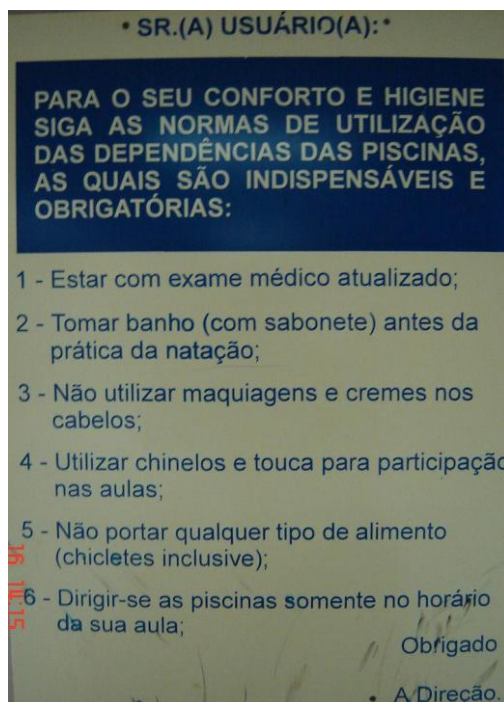


Figura 6: Normas fixadas na parede dos vestiários do Centro Natatório até os dias atuais.

Fonte: Acervo pessoal do pesquisador Marco de Carvalho.

⁴ Para o bom funcionamento de uma piscina, algumas regras devem ser seguidas, tanto em termos de tratamento da água quanto da utilização de seus espaços. Segundo o Regulamento de piscina contido no Decreto nº 572 de 29 de março de 1966, os usuários devem cumprir algumas exigências para o uso da piscina, dentre as quais destacamos: “Art. 23º - Os freqüentadores das piscinas deverão ser submetidos a exames médicos pelo menos duas vezes por ano; Art. 24º - Todo freqüentador da piscina é obrigado a banho prévio de chuveiro com sabão” (ESEFEX, [196?], p. 30). Se o usuário possuir alguma infecção, pode transmiti-la para os outros que utilizam da mesma piscina. O fato de não tomarmos uma ducha antes de entrar na piscina provoca uma espécie de “reação em cadeia” onde o suor, a gordura e até perfumes/maquiagens entrarão em contato direto com a água da piscina, acarretando na necessidade de aumentar a concentração de agentes desinfetantes. Isso faz com que aumente a quantidade de químicos na água o que pode provocar irritações, alergias e doenças aos usuários. Nota-se, portanto, que o cumprimento das normas estabelecidas faz-se necessário uma vez que são medidas preventivas para que não ocorram contaminações na água da piscina. Todavia, este é um processo educacional que, antes da imposição de normas, deve ser estimulado a todos, mostrando os riscos que podem ocorrer com o mau uso dos espaços. Para melhor aprofundamento do tema, recomenda-se ler a DIRECTIVA CNQ Nº 23/93.

Além disso, o Centro Olímpico estabelecia parcerias pelas quais as instalações do Centro Natatório eram cedidas em troca de manutenção e materiais para as piscinas, como nos relata o próprio “peixinho”: “Se fez parceria com a Federação de Natação: ‘Eu cedo a piscina para as competições, mas vocês vão ter que fornecer as raias’. E assim fomos fazendo” (REIS, 2010b, p. 15). Houve, portanto, maior incentivo à prática desportiva da natação, mas também ao desporto de forma geral: “Então, havia campeonatos da Federação, mas também os jogos da UFRGS. Eles aconteciam o ano inteiro, tinha todas as modalidades. E eram organizados pelo Centro Olímpico” (D’AZEVEDO, 2010, p. 8). Nesse período também houve a parceria com o IPH (Instituto de Pesquisas Hidráulicas da UFRGS), pela qual se estabeleceu que os estudantes do curso técnico em hidrologia deveriam aprender a nadar para poder seguir no curso, devido às constantes coletas que faziam nos leitos de rios, lagos, etc.:

Insistimos com a direção de que eles deveriam aprender a nadar porque eles estavam fazendo verificações em rios, lagos e eles não tinham uma credencial se quer para poder fazer um trabalho dessa ordem porque, se caíssem dentro d’água, morriam afogados (REIS, 2010b, p. 19).

O professor “peixinho” viria a ficar na direção do Centro Olímpico até, mais ou menos, 1984, quando, então, assumiu o professor Mário César Cassel. A partir desse momento, a escolha do diretor do Centro Olímpico passaria a ser realizada pelo diretor da ESEF, pois, segundo o próprio Cassel, uma das condições estabelecidas por ele para assumir a direção da Escola era de que o Centro Olímpico fosse extinto ou passasse para a ESEF. Como resposta inicial, o Reitor designou que a escolha do diretor do Centro Olímpico fosse feita pelo diretor da Escola (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 1997b). Assim, o professor Cassel convidou o professor Arno Black para dirigir o Centro Olímpico.

Por meio dos depoimentos consultados, nota-se que, na gestão do professor Cassel com o professor Arno, houve novamente⁵ uma tentativa de aproximar a ESEF do Centro Olímpico, uma vez que os departamentos foram para o Centro Natatório, e a direção do Centro Olímpico, para o prédio administrativo da Escola. Contudo, essa modificação tornou-se dificultosa por alguns motivos, pois a rotina administrativa já estava estabelecida no Centro Olímpico: o espaço era o mesmo, os funcionários eram os mesmos, já havia um grupo formado e que era da confiança do professor “peixinho”. Portanto, mudou a direção e “ocuparam alguns espaços, mas as pessoas continuaram a fazer as suas coisas do seu jeito” (D’AZEVEDO, 2010, p. 11). Tal grupo não pertencia à Escola tanto que, naquela época, havia uma entrada e uma saída do Centro Natatório diretamente para a Avenida Salvador França, como pode ser visto na figura 5 (página 42). Ou seja, os funcionários do Centro Olímpico pouco se misturavam com funcionários da ESEF. Além do mais, havia folhas de pagamento diferenciadas, como nos relata Lúcia Rosito, técnica aposentada:

A ESEF, na época, e a gente sabia lá na secretaria, existiam duas folhas. Meu contracheque nunca ia lá para cima porque ele vinha com o pessoal da ESEF. Então, eu tinha que estar vindo buscar aqui em baixo na secretaria. Eram folhas separadas. Os funcionários do Centro Olímpico e os funcionários da ESEF (ROSITO, 2010, p. 4).

Outra situação que dificultou a modificação foi o fato de o Centro Natatório estar, de certa forma, longe da sede administrativa da Escola, fazendo com que os professores se deslocassem até ele, por causa dos departamentos, e voltassem para dar suas aulas. A figura a seguir, destaca mais uma vez a localização do Centro Natatório.

⁵ Chamamos a atenção aqui, pois, conforme explanado anteriormente, na gestão do professor “peixinho” durante o período do professor Targa (1971 a 1976), havia uma aproximação do Centro Olímpico com a Escola. Inclusive, o professor “peixinho” era vice-diretor da ESEF. Ele próprio relata que havia um entrosamento grande, fazendo com que se suprissem os recursos

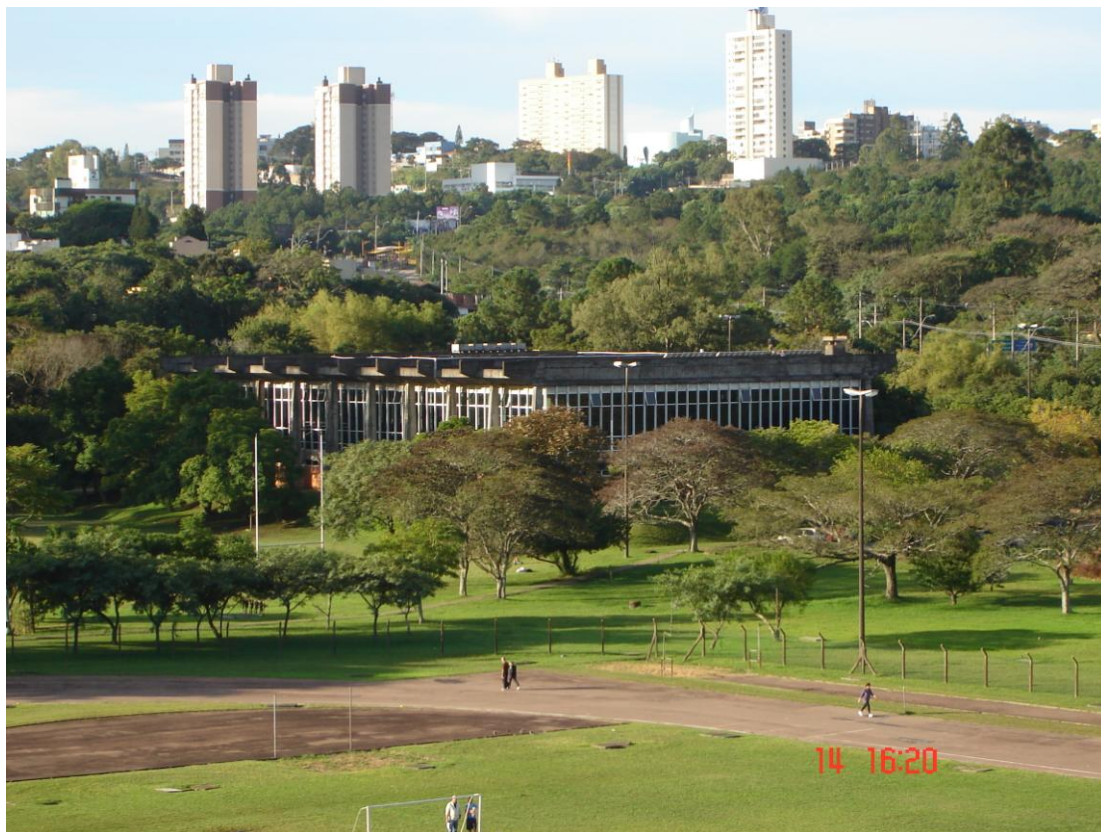


Figura 7: Centro Natatório Frederico Guilherme Gaelzer da ESEF em 2010. Destaca-se, mais uma vez, a sua localização (área norte do campus, junto à Avenida Salvador França).
Fonte: Acervo do Centro de Memória do Esporte da ESEF/UFRGS.

Inclusive, a campanha da gestão seguinte, segundo o professor Cassel (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 1997b), foi justamente a volta das estruturas administrativas para seus respectivos lugares iniciais. Uma das tentativas efetivas de aproximação, segundo o professor Arno, foi a de trazer o professor Kruehl, do departamento de desporto, para conduzir os cursos de natação que existiam no Centro Olímpico (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 1997a). Assim, a Escola teria professores atuantes dentro do Centro Natatório e também, de maneira geral, na estrutura organizacional do Centro Olímpico.

Esse conjunto de fatores, aliado à boa convivência entre a direção da Escola e do Centro Olímpico, culminou na passagem do Centro como órgão auxiliar da ESEF sem dotação orçamentária (CASSEL, 2005). Ou seja, a partir de então, a direção do Centro Olímpico passaria a ser cargo de confiança da

(REIS, 2010b). Porém, este vínculo começa a ser mudado quando entraram as gestões

direção da Escola e, estando subordinada a ela, toda a sua arrecadação seria compartilhada com a Escola: “[...] foi uma diferença porque o dinheiro passou a ser da ESEF. Essa parte começou a ser compartilhada” (KRUEL, 2010, p. 10). E o corpo docente da Escola passou a usufruir mais dos espaços do Centro Natatório, conforme nos relata a professora Helena: “Eu acho que isso foi uma grande mudança porque aí, realmente, eu acho que o corpo de professores da ESEF começou a viver um pouco mais aquilo lá” (D’AZEVEDO, 2010, p. 12). Entretanto, a aproximação que resultou no compartilhamento dos recursos do Centro Olímpico com a Escola veio acompanhada de uma defasagem em termos de manutenção e limpeza do Centro Natatório (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 1997b). Ou seja, a verba, antes direcionada para o prédio, foi redirecionada para outras questões julgadas mais importantes para a Escola. Assim, o Centro Natatório, “gerador de renda”, perdia seu privilégio e caía na vala comum administrativa da ESEF, esperando, como os outros setores, a sua vez de ser contemplado financeiramente. Podemos perceber que houve uma diferença em termos administrativos da gestão do professor Arno para a gestão do professor “peixinho” frente ao Centro Olímpico: “Eu me lembro do ‘peixinho’ tendo divergência com a Escola e me lembro do Arno tendo total convergência com a Escola. Dois diretores diferentes” (STIGGER, 2010, p. 11). Divergências e convergências essas muito ligadas aos laços entre as direções da Escola e do Centro Olímpico. Tais conflitos administrativos, talvez políticos e de interesses também, acarretaram dificuldades de relacionamento entre a ESEF e o Centro Olímpico. Isso resultou na troca de sua direção, anteriormente citada, durante a gestão do professor Cassel. Assim, novamente a ESEF se integraria com o Centro.

Com o término da gestão do professor Cassel e a entrada do professor “carioca”, o professor “peixinho” novamente foi nomeado diretor do Centro Olímpico. Entretanto, já estava em andamento o processo de passagem do Centro como órgão auxiliar da Escola, processo iniciado em fins de 1988 e somente efetuado em 1990. Como resultado importante, a arrecadação

proveniente do Centro Olímpico seria repartida com a Escola, e sua direção passaria a ser cargo de confiança da ESEF. O professor “peixinho” retomou suas atividades frente à direção do Centro e da disciplina de natação, tentando resgatar as normas de utilização dos espaços anteriormente estabelecidas, porém não contava mais com os recursos advindos da Reitoria que eram injetados no Centro Natatório. Assim, os programas realizados pelo Centro Olímpico receberiam maior atenção a tal ponto de terem de ser ampliados e transformados em extensão para suprir a escassez de recursos. Nesse período também, conforme relata Lúcia Rosito, além das aulas de natação, o Centro Natatório abrigava as aulas de judô e de esgrima (ROSITO, 2010).

Durante a gestão do professor Cassel, estabeleceu-se um convênio com a Universidade de Colônia na Alemanha e, em de 1992, o professor “peixinho” foi designado para ministrar aulas lá. Entretanto, para poder viajar para a Alemanha, ele não poderia seguir na direção do Centro Olímpico⁶ e, então, assumiu a direção do Centro a professora Helena D’Azevedo, a convite da direção da Escola⁷. Segundo ela, esse convite resultou da estreita relação que possuía com o professor “peixinho”. Assim, não haveria conflitos com a sua saída (D’AZEVEDO, 2010). Portanto, ela assumiria um “mandato tampão.” ocupando espaço na direção até a volta do “peixinho”. Ele próprio relata este evento: “eu fiquei na gestão do Centro Olímpico e, para poder ir para a Alemanha, eu tinha que largar o Centro. Então, o próprio De Rose disse: ‘Quando tu voltares, tu assumes novamente’” (REIS, 2010b, p. 24). Entretanto, no retorno da Alemanha, o professor “peixinho” tentou reassumir a direção do Centro Olímpico, porém, isso não ocorreu.⁸ A professora Helena, que estava na direção do Centro seguiu até o fim do ano e, a próxima gestão ficou a cargo do professor Stigger.

⁶ A gestão do professor “peixinho” encerraria em fins de 1992.

⁷ Neste período, a direção da Escola era composta pelo professor Eduardo Henrique De Rose, diretor em substituição ao professor “carioca”, que havia se aposentado e pelo professor Alexandre Velly Nunes como vice-diretor.

⁸ O professor “peixinho”, então, é designado para trabalhar junto à Reitoria, ficando responsável pelo desporto universitário da UFRGS.

Nesse período, já havia sido instalada a Secretaria de Extensão, tendo como coordenador o professor Krueel que, juntamente com a professora Helena, deu continuidade ao processo de transformação dos projetos do Centro Olímpico em projetos de extensão, reflexo da passagem desse Centro como órgão auxiliar da ESEF. Foram efetuadas, portanto, a transformação e a ampliação desses projetos nos moldes da extensão que conhecemos hoje, os quais serão explanados no próximo capítulo.

5.2 O Centro Natatório e os Projetos de Extensão

A construção do Centro Natatório não só proporcionou melhor aproveitamento das aulas de natação da graduação da Escola, como também oportunizou a criação de projetos que arrecadariam recursos ao Centro Olímpico. O professor “peixinho” relatou em seu depoimento este fato:

[...] nós tivemos a possibilidade de ampliar as aulas de natação, começamos a fazer programas comunitários [...] Nós conseguimos fazer programas de natação para a comunidade e, justamente através dos programas de natação, que o Centro Olímpico era o terceiro órgão arrecadador da universidade (REIS, 2010b, p. 16).

Ou seja, o Centro Olímpico, além de receber verba via PRUNI, arrecadava recursos com seus projetos de natação concentrados no Centro Natatório. Inclusive, a arrecadação desses projetos proporcionou, segundo o professor “peixinho”, o aquecimento das piscinas (REIS, 2010b).

Os projetos eram direcionados principalmente à comunidade universitária, ou seja, a pessoas relacionadas à universidade (funcionários, alunos, professores, filhos de professores, etc.). Todavia, quando sobravam vagas, eram ampliados à comunidade externa (KRUEEL, 2010; REIS, 2010b; ROSITO, 2010). São exemplos disso, os projetos “Vamos Aprender a Nadar?” e “Natação EPT: esporte para comunidade universitária”, elaborados e desenvolvidos, em fins da década de 1970, pelas professoras Helena Alves D’Azevedo e Lizette Dias de Castro Miguens, sob a coordenação do professor

“peixinho” (D’AZEVEDO 2005a; D’AZEVEDO, 2010). Esses projetos contribuíram para arrecadar recursos ao Centro Olímpico que investia substancialmente na manutenção do Centro Natatório e também no pagamento de professores e monitores atuantes nos programas de natação. A circulação de alunos envolvidos com os programas de natação era expressiva, conforme nos relata o professor “peixinho”:

Chegamos a ter mais de mil freqüentadores na piscina e o nosso aluno que, se destacasse nas aulas de natação, era convidado e se conseguia para eles bolsa trabalho na Reitoria. Obtinha uma experiência extraordinária no ensino da natação (REIS, 2010b, p. 16).

A verba recolhida viria a aumentar a tensão existente entre o Centro Olímpico e a ESEF. De um lado, o Centro com um amplo prédio detendo bons recursos via Pró-Reitoria e programas de natação e, de outro lado, a Escola com um vasto espaço físico e sem a devida arrecadação para sua manutenção. Tais disparidades desencadearam diversos conflitos que culminaram na troca da direção do Centro Olímpico, durante a gestão do professor Cassel.

O professor Arno Black, frente ao Centro Olímpico, visou aproximar-se mais da Escola. Assim, a verba recolhida pelo Centro por meio dos programas de natação seria repartida com a ESEF, e ela própria deveria administrá-la (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 1997a). Uma das primeiras iniciativas foi a vinda do professor Kruehl para administrar esses programas, o que causou, segundo ele, alguns atritos com os funcionários do Centro Olímpico (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 1997a). Mais uma vez, ganhou destaque a forte estrutura mantida no Centro, porque, mesmo com a saída do professor “peixinho” da direção, os funcionários já haviam se habituado à forma de administração por ele estabelecida. Com a troca de direção e as modificações vindas com ela, houve apreensão e resistência por parte dos funcionários às novas normas, o que dificultou o movimento de transformação dos programas em extensão. Além de administrar os programas já existentes no Centro Natatório, o

professor Krueel implementou mais alguns, relacionados às piscinas e, nesse meio tempo, o professor Luis Cláudio Guterres Andreatta criou o programa de esgrima, utilizando-se das salas presentes no Centro (KRUEEL, 2010). Esses projetos, decorrentes de fins da década de 1980, juntamente com a forma de gestão compartilhada entre Centro Olímpico e Escola de Educação Física, podem ser considerados os grandes motivadores para o processo de passagem do Centro Olímpico como órgão auxiliar da ESEF no final de 1988. Poderíamos ainda entender como causa e efeito desse processo, a criação da Secretaria de Extensão, coordenada pelo professor Krueel, sendo considerada por ele, como a primeira Secretaria de Extensão da UFRGS (KRUEEL, 2010).

A Secretaria teria como objetivo registrar os programas desvinculando-os da Pró-Reitoria. Tais programas, entretanto, ainda não eram vistos como extensão nos moldes que conhecemos hoje. Como passo importante na consolidação da Secretaria, o professor Krueel conseguiu, junto à Reitoria, a vinda da técnica em assuntos educacionais, Lúcia Rosito. Ela própria relata: “Então, eu acertei tudo na Reitoria, vim para cá e comecei a trabalhar na Secretaria de Extensão com o Krueel que era o coordenador da Secretaria na época, lá no prédio da piscina” (ROSITO, 2010, p. 2). Assim, começou a ser montada a estrutura que proporcionaria apoio técnico aos professores que quisessem montar projetos. Esse processo daria mais visibilidade à Escola, tornando-a importante referência em termos de extensão:

A ESEF começou a ser reconhecida na UFRGS, como extensionista, por causa destas ações que começaram a ser feitas: de estrutura, organização de secretaria. Fizemos toda uma mobilização dentro da unidade, todas as reuniões para os professores registrarem as atividades. Isso era uma coisa que não existia nas outras unidades. Existia, talvez até em algumas unidades, como a medicina, por exemplo, até mais extensão do que nós, mas não tinha o registro da atividade e aí nós começamos a registrar. Isso foi uma coisa interessante porque, na época, e, mesmo depois, o registro e a estrutura continuaram sendo apoiados pelos diretores que foram passando (KRUEEL, 2010, p. 11-12).

A forma administrativa da Secretaria de Extensão, implantada pelo professor Krueel, transcorreu pelas gestões seguintes. Teve início com os

professores Cassel e Arno, passando pelos professores “carioca” e “peixinho” (diretores da ESEF e do Centro Olímpico, respectivamente).

O início da década de 1990 ficou marcado pela passagem oficial do Centro Olímpico como órgão auxiliar da Escola, e, a partir desse momento, o Centro não receberia mais verbas da Pró-Reitoria. Assim sendo, os projetos que ocorriam no Centro Natatório deveriam ser ampliados e transformados em projetos de extensão, conforme os conhecemos hoje, para poder suprir as necessidades de recursos. Ou seja, aqueles projetos antes direcionados prioritariamente à comunidade universitária seriam redirecionados à comunidade externa, não havendo, portanto, prioridades no preenchimento das vagas. Além disso, haveria a presença de um docente para coordenar e registrar tais projetos. O professor Stigger (2010) relata em seu depoimento a diferenciação:

O Centro Olímpico fazia seus programas de natação que não tinham nada a ver com extensão como a extensão é hoje. Tinha uma piscina, abria-se vagas, as pessoas vinham e nadavam. Os projetos de extensão como a gente faz hoje, passa por aqui, tem que ter um docente (p. 16).

Este feito, segundo os depoimentos consultados, ocorreu durante a gestão da professora Helena no Centro Olímpico (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 1997a; D’AZEVEDO, 2005a; D’AZEVEDO, 2010; PETERSEN, 2004; ROSITO, 2010). A professora Helena relata este processo:

Quando eu assumi a direção do Centro Olímpico, o professor Krueel e eu definimos que nós íamos transformar tudo isso em projetos de extensão da ESEF. Ele trouxe da Pró-Reitoria de Assistência Universitária a Lúcia Rosito que era assistente social e ela veio como secretária da comissão de extensão e o Krueel era o chefe da comissão de extensão. Nós fizemos tudo que havia para se transformar em extensão. Eu tinha doze projetos e o Krueel tinha cinco. Foi daí que começou a se estruturar a extensão como tu conhece hoje (D’AZEVEDO, 2010, p. 3).

Todavia, para o professor Stigger (2010), o trâmite ocorreu em virtude da demanda que havia sido estabelecida pela universidade que começava a

exigir que essas atividades fossem colocadas no âmbito da extensão, pelas quais, todas deveriam ficar no mesmo “guarda-chuva” (p. 16).

Nesse período, portanto, os programas registrados pela Secretaria de Extensão ganharam proporções maiores, aumentando, assim, não só o número de projetos, mas também a quantidade de recurso envolvido. Essa arrecadação, todavia, era canalizada na mão dos coordenadores dos programas (D’AZEVEDO, 2010; KRUEL, 2010; STIGGER, 2010). Os próprios coordenadores direcionavam a aplicação do recurso a pagamento de bolsistas ou a cursos. Enquanto isso, a Escola não possuía verba para suas atividades e muito menos para a qualificação de seu corpo docente. Isso culminou em movimentos, por parte de alguns professores da Escola, resultando em uma das bandeiras de campanha da gestão seguinte da Escola, o chamado “fundão”.

Em 1993, o professor Ricardo Petersen assumiu a direção da ESEF, e foi nomeado diretor do Centro Olímpico o professor Marco Stigger. Dentro da visão de não concentrar a arrecadação dos projetos de extensão exclusivamente na mão de seus coordenadores, foi criado o “fundão”. O próprio Stigger (2010) relata melhor essa ideia:

fizemos um movimento de criar um fundo único dos recursos. Eu que escrevi o texto: “fundo único de recursos extra-orçamentários” [...] recursos advindos de arrecadação própria, de programas de extensão, de vários lugares, dos cursos de especialização. Então, a ideia era que esse dinheiro todo viesse para o mesmo fundo [...] “fundão” [...] e que fosse todo administrado por um [...] conselho de pessoas, dentre elas, os próprios coordenadores dos cursos de extensão, especialização, o que fosse, e que nós íamos gerir este dinheiro a partir de um debate político, digamos assim, coletivo (p. 14).

Essa concepção de gestão dos recursos dos projetos de extensão viria ser posteriormente abalada, uma vez que não houve acordo entre os coordenadores dos projetos para o direcionamento dos recursos. Recursos estes, segundo depoimentos, direcionados para a Escola e sem o total conhecimento de sua aplicação por parte do corpo docente envolvido.

Até o presente momento, são realizados na ESEF mais de trinta projetos de extensão. Destes, mais da metade são realizados somente no Centro Natatório, o que resulta em mais de mil vagas para a comunidade em geral, por meio das diversas atividades relacionadas às piscinas e às salas localizadas no Centro (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 2010). As figuras a seguir, são exemplos de projetos que ocorrem dentro no Centro Natatório.



Figura 8: Projeto “**Natação Aprendizagem**” na piscina pequena do Centro Natatório em 2008.

Fonte: Acervo pessoal do pesquisador Marco de Carvalho.



Figura 9: Projeto “**Natação para Bebês**” na piscina pequena do Centro Natatório.

Fonte: <http://www.esef.ufrgs.br/album.htm>.



Figura 10: Projeto “**Pólo Aquático para Universitários**” na piscina grande do Centro Natatório em 2010.

Fonte: Acervo pessoal do pesquisador Marco de Carvalho.



Figura 11: Projeto “**Hidroginástica**” na piscina pequena do Centro Natatório em 2010.

Fonte: Acervo pessoal do pesquisador Marco de Carvalho.



Figura 12: Projeto “**Jogging Aquático**” na piscina grande do Centro Natatório em 2010.

Fonte: Acervo pessoal do pesquisador Marco de Carvalho.



Figura 13: Projeto **CELARI** – “aula de alongamento” na sala do Centro Natatório em 2010.

Fonte: Acervo pessoal do pesquisador Marco de Carvalho.

Buscando ainda a ampliação da visão atribuída às atividades de extensão, é destacado o relato da professora Helena, que até os dias atuais, coordena diferenciados projetos, e da técnica aposentada Lúcia Rosito, que atualmente é aluna dos projetos de extensão:

eu acho que ela é uma ideia parecida com a ideia que o “peixinho” tinha: de fazer bem feito alguma coisa que tu gosta e que só tu sabe fazer para os outros. Então, a extensão seria a válvula de escape do professor. Ele trabalha no que ele acredita, no que estuda, gosta, e que o curso não está trabalhando (D’AZEVEDO, 2010, p. 15).

Eu sempre achei que a extensão aqui da ESEF cumpria bem o papel dela porque ela atende a comunidade externa à universidade. Eu sempre tive muito orgulho de trabalhar com a extensão e de falar dos projetos que tinham aqui na ESEF porque eu achava que era um dos papéis da universidade dar este tipo de atendimento para as pessoas fora do âmbito da universidade. Hoje como aluna, acho bárbaro, me sinto o máximo, adoro [riso] (ROSITO, 2010, p. 9).

Para que ocorra a oportunidade de vagas à comunidade e a vivência docente aos alunos da Escola, é necessário, contudo, que a arrecadação dos projetos seja direcionada de tal forma que algumas prioridades sejam estabelecidas. Dentre elas, destacam-se o pagamento de bolsistas e funcionários e a manutenção permanente do Centro Natatório. Aliás, os próprios depoentes compartilham dessa ideia. O professor Stigger (2010) relata a intenção que vinha com a implantação do “fundão”: “A primeira coisa [...] era sustentar os programas que os arrecada, pagar os funcionários, pagar bolsista. Bom, e agora, num segundo momento, ver as necessidades da Escola” (p. 15). A professora Helena relata sua preocupação com a manutenção do prédio: “[...] eu acho que o Centro vem sofrendo um desgaste que daqui a pouco é irreversível. [...] Daqui a pouco aquele prédio está condenado, eu tenho certeza” (D’AZEVEDO, 2010, p. 15). O professor “peixinho” diz mais: “Aquilo ali é a galinha dos ovos de ouro, eu digo assim. Hoje, a ESEF se mantém graças à piscina e, se não cuidar, vai tudo abaixo” (REIS, 2010b, p. 13). Já o professor Krueel (2010) comenta o pagamento de bolsistas e a aquisição de material para as aulas:

Se tu pegar os meus bolsistas, agora não receberam porque não tinha dinheiro. O meu projeto tem mais de trezentos alunos pagando setenta e cinco reais por mês. E aí o bolsista que é o que gera o recurso não recebe. Eu estou pedindo colete para os projetos desde janeiro. Na primeira turma, se o aluno não chegar cedo, ele fica sem cinturão para fazer aula. E ele está pagando para fazer aula. [...] Tem bolsista meu que trabalhou o ano passado que estão tentando pagar este ano. Fazem projeto de verão porque a ESEF precisa de dinheiro. O bolsista trabalha e vai receber seis meses depois? [...] Eu tenho e já tive bolsistas assim, que, se não ganhassem a bolsa, não comiam aquele mês. Eu pago tudo e, se sobrar, eu pago o bolsista. Não pode ser assim. Quem está gerando recurso hoje são os bolsistas, junto com os professores, é claro. Por que eu posso ter trezentos alunos? Porque eu tenho oito bolsistas. Se fosse só eu dando aula, nunca poderia dar aula para trezentos (p. 17-18).

Podemos perceber, então, que os problemas ainda existem e cabe a todos nós a responsabilidade de achar soluções para eles. Certamente um bom começo seria a alternativa relatada pelo próprio professor Krueel: “Se tem

um custo, alguém tem pagar esse custo. Quem tem que pagar este custo, por exemplo, é quem usa a estrutura” (KRUEL, 2010, p. 12). Mas quem usa o Centro Natatório? A Escola de Educação Física da UFRGS, não somente a sua extensão, mas também a graduação, os grupos de pesquisas e o Programa de Pós-Graduação com seus especialistas, mestrandos, doutorandos, etc. Enfim, o uso do Centro Natatório é solidário. Portanto, a injeção de recursos para sua manutenção também deveria ser solidária.

Esse espaço representava para os professores atuantes algo mais do que simplesmente um prédio, é necessário que, neste movimento, olhemos o contexto da época, a educação que foi transmitida e os significados por eles atribuídos a cada uma de suas experiências. Neste sentido, o professor “peixinho” é enfático: “Se, de repente, eu recebi uma incumbência, procurei seguir da melhor maneira possível a direção daquela função que me foi outorgada. E nunca me arrependi daquilo” (REIS, 2010b, p. 27).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo descrever a trajetória do Centro Natatório da ESEF/UFRGS, identificando as mudanças ocorridas desde a sua criação, na década de 1970, até a década de 1990, período marcado pela transformação de seus projetos em projetos de extensão.

Pode-se notar que houve diversas mudanças administrativas no Centro com o passar das direções. Em um primeiro olhar, poderíamos especular, de forma geral, que a gestão do professor “peixinho” foi marcada por divergências com a direção da ESEF, tornando o uso das instalações do Centro Natatório mais restrito. Todavia, olhando sob o espectro da História Cultural, absorvendo os conceitos de representações trazidos, não podemos simplesmente julgar tais ações. Antes, devemos recordar que o professor “peixinho” foi um dos que buscaram recursos para a construção do Centro Natatório; acompanhou a obra de perto e foi o responsável pela disciplina de natação.

Em contrapartida, as outras direções foram mais “flexíveis” em termos de utilização dos espaços. Mais uma vez, vamos ao encontro do conceito de representações e significados. Para essa gestão, a Escola viria em primeiro lugar, e as instalações pertenciam à ESEF. Portanto, viam no Centro Natatório, prédio da Escola, uma oportunidade de auxiliar financeiramente a Escola.

Em relação aos projetos, observa-se e acompanha-se a evolução deles até a sua consolidação em termos de extensão. Um processo gradual e lento que resultou da visão dos professores envolvidos, cujas aspirações eram oferecer o que se sabia fazer de melhor para a comunidade, ideais vindos desde os primeiros projetos desenvolvidos pelo Centro Olímpico, e da própria Universidade. Além disso, os projetos são encarados como importantes meios de preparar o aluno da graduação para o mercado de trabalho e de aproximar a Escola da comunidade em geral.

Assim, não se tem, com o presente trabalho, a pretensão de contar a verdade sobre os fatos ocorridos no Centro Natatório no período relatado, mas

sim, contar *uma* das tantas possíveis versões que podem existir sobre esse lugar.

Uma das principais fontes utilizadas foram os depoimentos orais encontrados no acervo do Centro de Memória do Esporte. Depoimentos de pessoas que estiveram relacionadas ao Centro e que possuem a sua visão e percepção sobre ele e os fatos ocorridos. Assim sendo, este trabalho, envolvido pela História Cultural e pela Memória, não procurou conceber considerações baseadas em uma única visão, mas sim nos diversos olhares de diferentes pessoas. Devemos lembrar que tais depoentes consultados, assim como os autores da literatura pesquisada, relatam a sua interpretação sobre fatos ocorridos, ou seja, possuem a sua verdade e sob esse ângulo revelam a percepção do espaço, do fato ou da época vivida.

Além do mais, o retorno ao passado numa tentativa de buscar os fatos ocorridos contribui para encontrarmos meios e formas de entender e mudar a realidade que hoje vivemos. Aprendemos com os acertos e também com os erros e deles devemos tirar o melhor proveito.

Como qualquer comunidade, a ESEF passou por momentos de convergências e divergências. Isso faz parte do processo democrático, de sua consolidação como instituição de ensino. Uma comunidade vasta que possui olhares e visões semelhantes, mas concomitantemente diferentes, o que deve favorecer o crescimento da Instituição. Crescimento este que somente será possível se todos estiverem em busca de um objetivo comum: a Escola de Educação Física da UFRGS, englobando os seus espaços presentes e, neste caso, o Centro Natatório. As diferenças não devem afastar as pessoas, ao contrário, devem aproximá-las no sentido de buscar soluções para os problemas encontrados.

Dessa forma, mais do que cumprir uma exigência para formatura, mais do que aspirar a uma boa nota, espera-se, por meio deste trabalho, ampliar a visão da comunidade da Escola de Educação Física da UFRGS de tal forma que, além de conhecer as atividades que o Centro Natatório possui, passem a valorizar mais esse espaço e os professores que dele fizeram e fazem parte.

Sua estrutura tem mais de trinta anos e sua manutenção deve ser constante e partilhada entre os setores que o utilizam.

O Centro é um importante gerador de recursos à Escola e deve ser preservado e olhado com mais atenção. Ele contribui, incrementa e oportuniza a prática docente aos estudantes da ESEF e proporciona à comunidade em geral, a troca de conhecimentos, ensinamentos e afetos. É um espaço que modifica a vida de quem o frequenta, sendo considerado, portanto, um importante “espaço de transformações”.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **História oral e a experiência do CPDOC**. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, 1989.

AMARAL, Ieda R. do; FARIA, Luciane M. Resenha sobre o livro de Roger Chartier: a história cultural entre práticas e representações. **Revista de Educação Pública**. Cuiabá, v. 16, n. 30, p. 183-186, jan./abr. 2007.

AZEVEDO, Ângela C. B.; MALINA, André. A criação da Escola Nacional de Educação Física e Desportos (ENEFD) em 1939 e a relação de interesses políticos vigentes. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DO ESPORTE, LAZER E EDUCAÇÃO FÍSICA, 4. 1998. **Coletânea**. Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho: INDESP, p. 274-278, 1998.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: edições 70, LDA, 2000.

BETTI, Mauro. **Educação Física e Sociedade**. São Paulo: Movimento, 1991.

BISCHOFF, Alberto R. **Depoimento de Alberto Ramos Bischoff**. 2005. 15 f. (Projeto Garimpando Memórias). Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nrb=000729747&loc=2010&l=29dbcd9abb43e2eb>>. Acesso em: 14 jun. 2010.

BLACK, Arno. **Depoimento de Arno Black**. 2005. 29 f. (Projeto Garimpando Memórias). Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nrb=000729657&loc=2010&l=97fb7a28c9427431>>. Acesso em: 14 jun. 2010.

BOSI, Ecléia. **O tempo vivido da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê, 2003.

BRASIL. Relação nominal a que se refere o artigo 1º do Decreto Nº 66.962, de 27 de julho de 1970. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**. Seção 1 – Parte 1, v. 108, n. 148, p. 5.771, Poder Executivo, Brasília, ago. 1970. Disponível em: <<http://www.glin.gov/download.action?fulltextId=82812&documentId=98539>>. Acesso em: 14 jun. 2010.

BRAUNER, Mário R. G. **Depoimento de Mário Roberto Generosi Brauner**. 2004. 17 f. (Projeto Garimpando Memórias). Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nrb=000729643&loc=2010&l=bf4b95d1327daa17>>. Acesso em: 14 jun. 2010.

BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CASSEL, Mário C. **Depoimento de Mário César Cassel**. 2005. 25 f. (Projeto Garimpando Memórias). Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nrb=000734874&loc=2010&l=65e0b9eb29d9ef7f>>. Acesso em: 14 jun. 2010.

CNQ. Conselho Nacional da Qualidade. **DIRECTIVA CNQ N.º 23/93**. Portugal, 1993. Disponível em: <http://www.apppages.com/DIRECTIVA_CNQ23_93.pdf>. Acesso em: 01 jun. 2010.

DAMASCENO, Leonardo G.; BIAZUSSI, Rosane M. Educação Física, Estado Novo e a militarização do corpo. **Motrivivência**. Aracaju, v. 2, n. 3, p. 28-30, jan. 1990.

D'AZEVEDO, Helena A. **Depoimento de Helena Alves D'Azevedo**. 2005a. 23 f. (Projeto Garimpando Memórias). Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nrb=000729098&loc=2010&l=b3554ed08d941b5f>>. Acesso em: 14 jun. 2010.

D'AZEVEDO, Helena A. Atividades aquáticas para bebês em Porto Alegre-RS. In: **Atlas do esporte no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: CREF2/RS, p. 113, 2005b.

D'AZEVEDO, Helena A. **Helena D'Azevedo II (depoimento, 2010)**. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE - ESEF/UFRGS, 2010.⁹

ESEFEX. Escola de Educação Física do Exército. **Tratamento de piscinas: controle e higiene**. Rio de Janeiro: E.E.F.E., [196?].

⁹ Disponível no Acervo do Centro de Memória do Esporte da ESEF/UFRGS.

FEIX, Eneida. **Depoimento de Eneida Feix**. 2005. 19 f. (Projeto Garimpando Memórias). Disponível em:
<<http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nrb=000729775&loc=2010&l=c71c6385f35e289b>>. Acesso em: 14 jun. 2010.

FERREIRA NETO, Amarílio. Escola de Educação Física do Exército (1920-1945). In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DO ESPORTE, LAZER E EDUCAÇÃO FÍSICA, 4, 1998. **Coletânea**. Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho: INDESP, p. 286-293, 1998.

GARCIA, Cláudio L. **Depoimento de Cláudio Luiz Garcia**. 2004. 25 f. (Projeto Garimpando Memórias). Disponível em:
<<http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nrb=000729046&loc=2010&l=d6b23332ac9f0f8b>>. Acesso em: 14 jun. 2010.

GAYA, Adroaldo C. A. **Depoimento de Adroaldo Cezar Araujo Gaya**. 2005. 17 f. (Projeto Garimpando Memórias). Disponível em:
<<http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nrb=000729668&loc=2010&l=36835cdae6c0c615>>. Acesso em: 14 jun. 2010.

GOELLNER, Silvana V.; DAL SIN, Karine; DUTRA, Luanda dos S.; FRIZZO, Giovanni E.; MUHLEN, Johanna C. V.; ROMERO, Camile S.; DUANTE, Ana Paula; CARMONA, Heloísa P.; MATTOS, Leila C. ESEF 65 anos: entre memórias e histórias. **Movimento**. Porto Alegre, v. 11, n. 3, p. 201-218, set./dez. 2005.

GUTIERREZ, Washington. **Histórico**. Porto Alegre, 1971. Disponível em:
<<http://www.esef.ufrgs.br/historia.htm>>. Acesso em: 14 jun. 2010.

JENKINS, Keith. **A História repensada**. São Paulo: Contexto, 2004.

KRUEL, Luiz F. M. **Luiz Kruel (depoimento, 2010)**. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE - ESEF/UFRGS, 2010.¹⁰

LICHT, Henrique F. B. **Depoimento 3 de Henrique Felipe Bonnet Licht**. 2005. 18 f. (Projeto Garimpando Memórias). Disponível em:
<<http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nrb=000729778&loc=2010&l=322af5517974918b>>. Acesso em: 14 jun. 2010.

¹⁰ Disponível no Acervo do Centro de Memória do Esporte da ESEF/UFRGS.

LYRA, Vanessa B. **Escola Superior de Educação Física de Florianópolis e o campo da formação de professores no estado catarinense: uma história, um olhar, uma identidade.** Dissertação de Mestrado. Florianópolis: Centro de Ciências da Educação – Universidade Federal de Santa Catarina, 2009.

MAZO, Janice Z. **O Centro de Educação Física da Universidade Federal de Santa Maria: percorrendo os caminhos de sua criação.** Dissertação de Mestrado. Santa Maria: CEFD/UFSM, 1993.

MAZO, Janice Z. Laboratório de pesquisa do Exercício da ESEF/UFRGS: apontamentos para uma história dos seus 25 anos. **Movimento.** Porto Alegre, v. 6, Edição Especial, 2000.

MAZO, Janice Z. Memórias da Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (ESEF/UFRGS): um estudo do período de sua fundação até a federalização (1940-1969). **Movimento.** Porto Alegre, v. 11, n. 1, p. 143-167, jan./abr. 2005.

MAZO, Janice Z.; PEREIRA, Priscilla G. Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – ESEF-UFRGS. In: **Atlas do esporte no Rio Grande do Sul.** Porto Alegre: CREF2/RS, p. 102, 2005.

MELO, Victor A. de. História Oral e história da Educação Física no Brasil: uma possibilidade necessária. IN: ENCONTRO NACIONAL DE HISTORIA DO ESPORTE, LAZER E EDUCAÇÃO FÍSICA, 4, 1994. **Coletânea.** Ponta Grossa: DEF/UEPG, p. 271-285, 1994.

MELO, Victor A. de. Escola Nacional de Educação Física e Desportos: uma possível história. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte.** São Paulo, v.17, n.2, p.186-191, jan.1996.

MOLINA NETO, Vicente. **Depoimento de Vicente Molina Neto.** 2005. 19 f. Disponível em:
<<http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nrb=000729670&loc=2010&l=91944a32a9dfe1a4>>. Acesso em: 14 jun. 2010.

MOLINA NETO, Vicente; NUNES, Cássio F. T. O processo de federalização da ESEF/UFRGS sob a perspectiva dos professores – o estudo de caso. **Movimento.** Porto Alegre, v. 11, n. 2, p. 167-190, maio/ago. 2005.

MORAES, Luiz F. R. **Depoimento de Luiz Fernando Ribeiro Moraes**. 2004. 20 f. (Projeto Garimpando Memórias). Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nrb=000729047&loc=2010&l=492fdb159f9c8913>>. Acesso em: 14 jun. 2010.

PAULA, Heber E. de. História oral e pesquisa em Educação Física e esporte: experiências vividas, reflexões necessárias. In: OLIVEIRA, Vitor Marinho de (org.). **História oral aplicada à educação física brasileira**. Rio de Janeiro: Editora Central da Universidade Gama Filho, 1998.

PESAVENTO, Sandra J. **História & História Cultural**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

PETERSEN, Ricardo D. de S. **Depoimento de Ricardo Demétrio de Souza Petersen**. 2004. 23 f. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nrb=000729639&loc=2010&l=d9fed0dd2be1ba81>>. Acesso em: 14 jun. 2010.

REIS, Jayme W. dos. **Jayme dos Reis I (depoimento, 2004)**. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE – ESEF/UFRGS, 2010a.¹¹

REIS, Jayme W. dos. **Jayme dos Reis II (depoimento, 2010)**. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE – ESEF/UFRGS, 2010b.¹²

REIS, Jayme W. dos. **Of.nº. 40/90/CO**. Centro Olímpico, UFRGS-PRUNI, 1990a.¹³

REIS, Jayme W. dos. **Of.nº. 110/90/CO**. Centro Olímpico, UFRGS-PRUNI, 1990b.¹⁴

REIS, Jayme W. dos. **Of.nº. 152/90/CO**. Centro Olímpico, UFRGS-PRUNI, 1990c.¹⁵

¹¹ Disponível no Acervo do Centro de Memória do Esporte da ESEF/UFRGS.

¹² Disponível no Acervo do Centro de Memória do Esporte da ESEF/UFRGS.

¹³ Disponível no Acervo do Centro de Memória do Esporte da ESEF/UFRGS.

¹⁴ Disponível no Acervo do Centro de Memória do Esporte da ESEF/UFRGS.

¹⁵ Disponível no Acervo do Centro de Memória do Esporte da ESEF/UFRGS.

REIS, Jayme W. dos. **Of.nº. 163/90/CO**. Centro Olímpico, UFRGS-PRUNI, 1990d.¹⁶

REPPOLD FILHO, Alberto R. **Depoimento de Alberto Reinaldo Reppold Filho**. 2004. 34 f. (Projeto Garimpendo Memórias). Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nrb=000729054&loc=2010&l=d45337647e235e60>>. Acesso em: 14 jun. 2010.

ROSITO, Lúcia M. N. **Lúcia Rosito (depoimento, 2010)**. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE – ESEF/UFRGS, 2010.¹⁷

ROUSSO, Henry. A memória não é mais o que era. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (orgs.). **Uso & Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

SCHUCH, Felipe B. A infra-estrutura da ESEF-UFRGS ao longo de seus 65 anos. In: SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, 18, 2006. **Livro de resumos**. Porto Alegre: UFRGS, v. 2, p. 594, n. 290, 2006.

STIGGER, Marco P. **Marco Stigger (depoimento, 2010)**. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE - ESEF/UFRGS, 2010.¹⁸

TUBINO, Manoel J. G. **O esporte no Brasil: do período colonial aos nossos dias**. São Paulo: Ibrasa, 1996.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. Escola de Educação Física. CONSUNI, Conselho da Unidade. **[Ata da reunião extraordinária sobre o Centro Olímpico realizada em 08/10/1997]**. Porto Alegre, 1997a.¹⁹

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. Escola de Educação Física. CONSUNI, Conselho da Unidade. **[Ata da reunião extraordinária sobre o Centro Olímpico realizada em 13/11/1997]**. Porto Alegre, 1997b.²⁰

¹⁶ Disponível no Acervo do Centro de Memória do Esporte da ESEF/UFRGS.

¹⁷ Disponível no Acervo do Centro de Memória do Esporte da ESEF/UFRGS.

¹⁸ Disponível no Acervo do Centro de Memória do Esporte da ESEF/UFRGS.

¹⁹ Disponível no Acervo do Centro de Memória do Esporte da ESEF/UFRGS.

²⁰ Disponível no Acervo do Centro de Memória do Esporte da ESEF/UFRGS.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. PRÓ-REXT. Pró-Reitoria de Extensão. **[Apresentação]**. Porto Alegre, 2008. Disponível em: <http://www.prorext.ufrgs.br/02_apresentacao.htm>. Acesso em: 31 out. 2008.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. Escola de Educação Física. COMEX. Secretaria de Extensão. **[Planilha de Projetos de Extensão]**. Porto Alegre, 2010.

UNIVERSITÁRIOS terão moderno Centro Olímpico. **A Construção na Região Sul: esporte**, [s.l.], n. 51, p. 6 -9, jan. 1973.²¹

VALENTE, Edison F. **Perspectivas históricas do movimento esporte para todos no Brasil**. Grupo de história do esporte – lazer e educação física. Campinas: FEF/UNICAMP, 1994.

²¹ Disponível no Acervo do Centro de Memória do Esporte da ESEF/UFRGS.